

0032319/2003



L0000032322

Ao Amigo

Francisco Paula Rodrigues Mello
offerece

Octavio Campos

como lembrança da passagem
pelo Maranhão.

A Descoberta da Índia

Luz 24/8/1908

DO MESMO AUTOR

Rhapsodias, contos; exgottado.

A Capital Federal, exgottado.

Balladilhas, contos.

Bilhetes postaes, chronicas ligeiras.

O fructo prohibido, contos.

O rei fantasma, romance.

Miragem, romance.

Sertão, novellas.

Pelo amor! poema dramatico.

America, educação civica.

Album de Caliban (1º a 4º fasciculos).

Inverno em flor, romance.

O Paraiso, romance.

A Terra fluminense, educação.

Portugal e a litteratura portugueza, discurso.

O morto, romance.

NO PRÉLO

O rajah do Pendjab, grande romance de fantasia.

Album de Caliban (5º e 6º fasciculos).

PROXIMAMENTE

Romanceiro, fantasias.

A conquista, romance (episodios da vida litteraria).

DE COLLABORAÇÃO

COM OLAVO BILAC

Contos patrios.

Patria brasileira, educação civica.

COMPANHIA TYPOGRAPHICA DO BRAZIL, RIO DE JANEIRO

REGISTRO SETORIAL

Seção Obras Raras

Nº 1494

Data 27 03, 74

COELHO NETTO

A Descoberta

da **INDIA**

ORMA
950.9
C672d

A Fantasia é a Alma
da Realidade.



RIO DE JANEIRO
LAEMMERT & C. — EDITORES
66, Rua do Ouvidor, 66

CASAS FILIAES EM S. PAULO E RECIFE

1898

EM
HOMENAGEM
À
COLONIA PORTUGUEZA NO BRASIL
POR OCCASIÃO DO
4.º CENTENARIO DA DESCOBERTA
DO
CAMINHO MARITIMO DAS INDIAS

escreveu

Coelho Netto.

Maió—1898.

A PARTIDA

Em nome de Deus, Amem. Na era de mil CCCCLXLVII mandou ell Rey Dom Manuell, o primeiro deste nome em Portugall, a descobrir, quatro quaees navios hiam em busca da espeçaria, dos quaees navios hia por capitam moor Vasco da Gama, e dos outros d'uum d'elles, Paulo da Gama seu irmão, e d'outro Nicolláo Coelho.

Partimos de Restello huum sabado, que heram oyto dias do mês de Julho da dita era de 1497, noso caminho, que Deus noso senhor leixe acabar em seu serviço, Amem.

*(Roteiro da viagem de Vasco da Gama
em MCCCCXCVII.)*

.....

LXXXVIII

A gente da cidade aquelle dia
(Uns por amigos, outros por parentes,
Outros por ver sómente), concorria,
Saudosos na vista e descontentes:
E nós co'a virtuosa companhia
De mil Religiosos diligentes
Em procissão solemne a Deos orando
Pera os bateis viemos caminhando.

LXXXIX

Em tão longo caminho e duvidoso,
Por perdidos as gentes nos julgavam;
As mulheres c'um choro piadoso,
Os homens com suspiros, que arrancavam:
Mães, esposas, irmãs que o temeroso
Amor mais desconfia, acrecentavam
A desesperação e frio medo
De já nos não tornar a ver tão cedo.

(CAMÕES — *Os Lusíadas* ; canto IV.)

No anno de 1497, de tanta fortuna e gloria para o Reino, indo Julho em começo, depois de prospera colheita, um grande acontecimento poz a cidade alerta, chamando ás vizinhanças da capella do Restello copiosa multidão.

Querendo El-Rei dilatar os limites do seu Reino e tendo, por aviso divino, conhecimento de que, alem do Cabo, sobre aguas brandas, terras de grandes premios estiravam-se, reunio conselho buscando pareceres sobre se devia apparelhar uma expedição que fosse em demanda d'essa India encantada que era o sonho ambicioso dos navegadores.

Os que tiveram a honra da consulta foram de opiniões differentes — uns hesitaram nas respostas temendo que a Portugal surtisses males da inveja dos outros

soberanos com mais essa descoberta, outros, porém, com segurança, foram opinando pela empreza e o monarcha preferio andar com elles, porque, se d'isso lhe não viessem lucros, gloria, ao menos, adviria a elle e ao Reino.

Para quê não arrefecesse a idéa, logo ordenou a Bartholomeu Dias, homem experimentado nas aguas procellosas dos mares novos que fiscalisasse, nos estaleiros, a conclusão das naus que haviam sido começadas em tempo de D. João II e que deviam transpor o passo perigoso indo, com os cruzeiros abertos nas velas, á maneira de missionarios, levar Deus a outras terras de barbarie e mysterio.

E todo o anno de 96 passou-se em trabalhos — as camartelladas resoavam, fiava-se o linho forte para as velas, retorciam-se cabos resistentes para enxarcias, fundiam-se ferragens e troncos formidaveis desciam das serras, em lentos carretos, para as officinas, até que, em fins do anno, as naus, já promptas, foram postas em rolos e desceram a abreviar as prôas n'agua que deviam fender em tão arriscada singradura.

Poz-se, então, El-Rei em resolução de tomar chefe para a empreza e, inspirado pelo Senhor que, n'esse tempo, trazia a Luzitania em principal cuidado, escolheu a Vasco da Gama, desprezando as inculcas que lhe faziam os aulicos mais chegados ao throno, certo de que n'aquelle empenho devia apenas ter lugar o merito.

O eleito era um simples capitão de mar, sem fortuna e sem gloria, antes modesto e calado, procurando sempre um silencio discreto onde puzesse o seu valor e o seu nome que vinha, sem atroada, d'uma familia de Sines.

Acceitando, sem orgulho, a responsabilidade, poz-se logo em acção o Gama tratando do apercebimento das naus que eram tres e todas patrocinadas sanctamente tendo, cada qual, para guardal-a, um archanjo— uma era *S. Gabriel*, n'essa poz pé o capitão com o seu piloto Pedro de Alemquer; a outra: *S. Raphael*, foi dada a Paulo da Gama que levou em sua companhia João de Coimbra; a terceira, finalmente, *S. Miguel*, (antes *Berrio*, do nome do armador que a vendera ao Rei) deu embarque a Gonçalo Coelho com o seu pratico Pedro de Escobar.

Além das naus foi ainda uma caravella com mantimentos cujo commando foi dado a Gonçalo Nunes e, por junto, era de cento e setenta homens a tripolação da frota mas, se o numero era escasso, a valentia compensava a conta mesquinha e ainda, porque parte da gente já andára com Bartholomeu Dias suppriria, com o conhecimento d'aquelles mares, os apoucados braços.

Ja a frota provida da sua palamenta e d'armas de golpe, os paiões estalavam abarrotados— não só levavam andainas de sobresalente mas ainda grande provisão de polvora e de bitume e pelouros e granadas. A botica, sabiamente sortida pelos cirurgiões, de nada carecia para os males que pudessem assaltar a maruja, salvo se a Deus aprouvesse a morte, senão, com os recursos que levavam, toda peste seria conjurada; e ainda carregavam, para escambos com os mercadores e dádivas aos principes que fossem topando, preciosidades em telas e em armas de lavor requintado e alfaias de trama delicada, sem contar os agasalhados dos officiaes, e dos marinheiros porque, cada qual, á medida

da sua tença, tomara, mais ou menos, em terra para negocios no ultra-mar.

Varios interpretes seguiam para que entendessem as linguas dos diversos povos africanos e com elles se correspondessem; clérigos para que ministrassem os sacramentos e conduzissem as orações e doze galés de morte que seriam deixados nas terras onde abicassem para que se fossem familiarizando com os naturaes e com os seus idiomas afim de que, mais tarde, d'elles dessem noção aos navegantes quando tornassem a affirmar a conquista.

Sendo tudo preparado quiz El-Rei, que então se achava em Monte mór, o Novo, dar uma prova publica da sua confiança e estima ao que ia como chefe de tão dilatada aventura e ordenou-lhe que chegasse á sua presença. O bravo marítimo, mais affeito ao rolar das vagas e ao sibillar dos ventos na cordoalha do que ás maneiras subtis das cortes, achou-se em embarços quando, diante da nobreza, El-Rei, com o fausto dos seus brocados e a magestade da sua presença, do throno lhe dictou o que havia de fazer para dar cumprimento

ao seu desejo que era o de realizar aquelle encargo que recebera como herança dos seus ante-passados—abrindo pelas aguas um caminho que conduzisse á India. E, na presença de todos, em linguagem perfeita e altiloqua, commemorou os serviços leaes do capitão que, de pé, olhos abai-xados, pallido, sentia, pela primeira vez, o coração pequeno dentro do largo peito.

Da multidão rompeu um homem ricamente vestido e com ouro e pedrarias por todó o corpo trazendo veneradamente uma bandeira de seda na qual havia debuxada uma cruz vermelha, de Christo, Ordem que tinha El-Rei por governador e sobre ella o Gama, commovido como nunca o fôra em perigos e dores, jurou que, em serviço do seu Deus e do seu Rei, sempre a traria desfraldada e alta, ainda que fossem superiores as armas dos infieis que com ella investissem, ainda que andassem concertados os elementos em desoriental-o, emquanto lhe corresse sangue nas veias havia de a ter firme e hasteada com gloria e honra.

E, assim jurando, tomou-a como insignia da sua capitanea e, com algumas

cartas para o Preste João e outros varios principes das terras orientaes, entre os quaes o rei de Calecut, poz-se o capitão com os seus auxiliares de caminho para Lisboa onde as naus tiveram uma demora de três dias esperando o vento que as levasse.

A dôce manhã nascia, fresca e rosada, quando os sinos da capella de Nossa Senhora de Belém, entraram a repicar em festa pondo no ar, fino e azul, a alegria christã d'uma alleluia e despertando as gentes que, avisadas da grande expedição e curiosas de verem aquella ayentureira partida, haviam acudido de longe estabelecendo aduares nas visinhanças da ermida onde, os que se faziam ao mar, costumavam deixar as suas promessas, recebendo constrictamente os preparativos espirituaes para que a morte os não tomasse em peccado sobre essas ondas affrontosas e desconhecidas.

Uma grossa multidão formigava com os olhos anciosos postos no templo de onde deviam sair os novos argonautas para as naus empavesadas que arfavam no rio

como grandes aves marinhas que experimentassem as plumas para o vôo arrojado.

A paisagem, larga e calma, toda verde com o favor do tempo, dava uma funda saudade aos que, já de aprestos feitos, esperavam o momento angustioso da partida, apartando-se incertamente da patria, e os moinhos, velejando nos pendores dos outeirinhos, pareciam acenar aos que partiam amargurados adeuses e para o sempre, tão afflictas andavam as azas ao vento, esse mesmo vento que devia apoiar as velas exploradoras.

Marujos, que se haviam engajado na frota, despediam-se dos seus parentes com palavras de conforto promettendo-lhes uma volta breve e favorecida e, por todos os meandros eram suspiros e lagrimas, juras e conselhos e permutas de prendas; as mesmas arvores serviam como de fiadoras aos namorados porque em suas grossas cortiças entravam fundamente pontas de cutellos abrindo signos para que, á volta, fosse provado o juramento feito se os temporaes não levassem d'arranco o tronco depositario ou se o perjurio não apagasse o emblema d'aquella fé.

Era a velha mãe a lembrar ao filho a sua vida solitaria, os cabellos brancos da sua frente veneravel, as rugas da sua face, os tremores do seu coração. Como haviam de sentir as ovelhas quando se achassem no monte com outro pastor tomado a salario que, por certo, não as estimando como dono, não havia de as regalar abeberando-as em fontes frescas ou escolhendo macios pastos e, já alquebrada, como havia ella de subir ás rampas para recolher na clareira a lenha necessaria ao lume caseiro quando os cortantes ventos de Dezembro começassem a zimbrar vergando e desfolhando os castanheiros e açulando os lobos famintos contra os redis. Ai! que magua a de o ver partir!

Outra dizia, com os braços em volta do pescoço do homem — que elle não veria, ao tornar, o campo como deixava porque não só de sóes e de chuva carece a arvore senão tambem que d'ella cuidem abacellando-a com terra virgem ou ablaquecendo-a para que as suas raizes ganhem força á luz e ao ar, tratando-lhe o tronco e os ramos. Os trigos dourados ficariam em palha resequida, murchariam as vinhas sumarentas, as abelhas emigrariam não

achando mel e os cortiços, calados e secos, viriam abaixo e os ventos os levariam como levam as folhas murchas. Ella! pobre d'ella! sosinha e fraca e tendo um lume a guardar e um berço a embalar como havia de sair, com ferros, á campina e á encosta? Deus a guardasse com vida e não faria pequena caridade.

Outra, chorosa e presaga, lembrava noites de luar e cantos de rouxinões, juras feitas tremulamente entre roseiraes, á luz fraca das estrellas, emquanto as moças da herdade debulhavam e bailavam com des-cantes e musicas de doçainas.

Creanças, vendo as mães em pranto, agarravam-se-lhes ás saias chorando, não porque comprehendessem a razão d'aquella angustia, tão só por verem lagrimas e o ancian dos collos opprimidos. E, por entre as gentes lastimosas, iam e vinham lentos vendedores, uns que offereciam fructos em gigos de vime, outros que mostravam bufarinhas ou apregoavam reliquias "de muita virtude para os que se iam lançar a mercê do oceano".

O sol subia e já os pannos das naus tra-peavam annunciando um bafejo da aragem

e, constantemente, n'um desfilar sem pausa, vinha chegando povo e detinha-se maravilhado contemplando os garbosos navios que, ao roxo cair da tarde, andariam longe, afastados da terra, fechados e aparelhados para as surpresas do escarcéo e dos euros.

N'aquelle borborinho desusado ninguem dava por um grande velho que jazia, quieto e mudo, sobre uma pedra com o cajado entre os joelhos e um cão morri-nhento aos pés. Os cabellos, alvos como o linho novo, desciam-lhe até os hombros acurvados, a barba farta e branca enchia-lhe o peito largo, os olhos, que as palpebras abafavam, sumiam; já se lhe não distinguia a feição ancestral do rosto entre as rugas que lh'o sulcavam e tremulo, n'aquelle frio de velhice, o ancião fallava, não para que ouvissem o que dizia porque fallava para as suas recordações amarissimas.

“Que vades bem! Que vades bem! Outras frotas maiores tem o mar engolfado e mais numeroso exercito tem o infiel batido. Que vades bem! Quem vos manda é a ambição, quem vos leva é a cubiça, essa mesma harpiá que fez com que d'aqui se

fosse, arrastada pelo voluntarioso principe, a flôr da Patria fenecer nos areaes africanos. Que vos não castigue Deus com espectaculo sinistro como o que meus olhos tiveram n'essa terra abafada de mourisma. Por mais que possais ver nunca vereis horror como o dos dias tormentosos da catastrophe, nunca vereis Tanger com os seus eirados e os seus muros brancos, que eram como grandes ossadas seccando ao sol, e com a sua gente barbara fervilhando nas ruas immundas e tomadas de cães. Nunca tereis os olhos tão horrorisados como tiveram os que, sem bandeira e sem armas, por esmola houveram a vida apenas, e foi muito ! deixando em terra barbara, como penhor, o infante santo que, posto sobre uma azemola, com um canna nas mãos puras, apupado, apedrejado, cuspido pelo mouro lá seguio a caminho de Fez onde andou, de soffrimento em soffrimento, rolando pela immundicie, até que o acabaram expondo-o irrisoriamente nas ameias da cidade nú, pendurado pelos pés, ao sol e aos corvos.

Que vades bem e que vos não seja infausta a expedição. Já me não é dado

contar com o tempo para que diga que vos esperarei até que a anciedade seja tanta que a minha esperança se torne em desalento e eu volte para o céu os olhos tirando-os dos horizontes. Que vades bem! Se algum de vós houvesse andado em Tanger não haveria tanto prazer n'essa sortida mas, do que houve, apenas conheceis o que dizem que é bem pouco á vista do que foi; ereis todos bem meninos quando esse lucto envolveu o reino que se lavou em lagrimas. Que vades bem! A vossa cubiça é o piloto, nem outra bussola vos leva senão a sede de ouro. Ides para a conquista como nós outros fômos. Como se nos não bastasse a terra que temos onde ha tanta charneca e abrutella ahi vão gananciosamente as naus de conquista á busca de mais terreno e do ouro que faz maior a miseria. Que vades bem! Se o estomago tem o necessario para que haveis de querer empanturral-o? contentai-vos com o que vos basta que o querer mais é de ambiciosos. Que vades bem! Que vades bem!»

Uma mulher que passava atirou-lhe uma brôa de milho e o velho, roendo-a, e dando

um pedaço ao cão, deixou-se ficar em silencio dizendo apenas, de quando em quando, com um aceno de cabeça, como um propheta que augurasse: « Que vades bem! Que vades bem! »

N'esse ponto do dia os sinos da capella repicaram com mais alacridade e logo correu um murmurio entre os do povo e foram-se as alas alargando porque, á portaria santa, entre os veneraveis freires do convento de Thomar e entre os officiaes da frota, todos com cirios accesos e constrictos, appareceu o valoroso capitão mór da expedição.

Era homem de vulto e de aspecto magestoso, firme como uma torre; a barba farta descia-lhe ao peito que uma couraça luzida forrava e os olhos tinham tanto imperio que só de os ver humilhavam-se quantos os buscavam.

As vozes dos clerigos subiram no silencio, ao sol, entoando a ladainha que o povo acompanhava com devoto acatamento e a procissão lenta, grave, foi descendo á praia pelas hervas de cheiro com que haviam juncado o caminho.

O sino passara dos repiques alegres aos dobres compassados e tristes, e atravez do

canto sacro e do farfalhar cadenciado dos passos vagarosos, ouvia-se o pungitivo lamento dos parentes que seguiam os seus n'aquella hora amarga e contristada do adeus.

Os mesmos homens que alli haviam chegado por simples curiosidade, tocados por tamanha lastima, sentiam-se commovidos. O Gama, emtanto, sem dar mostras de tristeza, antes, d'olhos ao longe, nas suas velas, parecia querer encurtar o espaço que d'ellas o separava para abril-as, quanto antes, e sair n'aquelle vento pondo-se de rumo ao mar.

Já os bateis balouçavam-se junto á lingueta com a guarnição a postos esperando os que deviam seguir para as naus fundeadas em mais agua, ao largo, quando o cortejo parou ajoelhando-se todos os mareantes e os do povo. Então os clerigos cantaram profundamente e o vigario da capella, estendendo as mãos brancas, com os olhos no céu puro, fez, em voz alta, uma confissão geral e aquelles homens de guerra que se iam abarbar com o desconhecido, intrepidos para as luctas a ferro e fogo, curvados, batendo nos peitos com

verdadeira e intensissima fé, escutavam as palavras do ministro de Deus que os ia absolvendo para que os não tomasse a morte em culpa no caso de ella sair adiante da Fortuna com a qual todos, por verem o Gama, seguramente contavam.

Finda a cerimonia quizeram todos beijar a mão do sacerdote e, emquanto assim procediam, sempre prosternados, na turba muita mulheres desmaiavam e o pranto corria copioso dos olhos dos que ficavam.

Só o velho, na pedra em que jazia, tinha calma de coração para aquelle espectáculo e, quando Vasco da Gama, com um derra-deiro e extremoso olhar á ermida, avançou para o batel que o devia conduzir, o velho acenou lentamente com a mão encarquilhada despedindo-se:— « Que vades bem! Que vades bem!» E os sinos repicaram em festa como se já saudassem um triumpho.

Os remos afundaram n'agua e, um a um, foram-se todos os bateis em demanda das naus que arfavam, douradas pelos raios do sol. O povo, sem arredar-se do Restello, queria ver a partida. Ao refrescar da tarde quando os rouxinóes saíam da espessura

cedendo o lugar ás cotovias, foram-se os pannos abrindo.

As naus balouçavam-se brandamente, arfando; as prôas, de manso, abriam as aguas lustrosas, depois, n'uma lufada, tufaram-se as velas mostrando os grandes cruzeiros que n'ellas iam estampados, desfraldaram-se as bandeiras arvoradas, soaram vibrantes charamellas mas, a um tempo, em todas, largaram-se cutellos e varredouras e, rio abaixo, com a brisa propicia, foram singrando as naus fugindo á Patria para engrandecel-a e honral-a. O povo se foi dispersando porque o rio ficou solitario e o velho, com o seu cão, deixou-se estar, d'olhos perdidos e, só então, em soledade e silencio, uma lagrima molhou a sua face rugosa. E a lua grande, subindo, estendeu um alvo clarão sobre a cidade quieta.

MONTANDO O CABO

.....

III

Já a vista pouco e pouco se desterra
D'aquelles pátrios montes que ficavam:
Ficava o caro Tejo e a fresca serra
De Cintra, e n'ella os olhos se alongavam;
Ficava-nos tambem na amada terra
O coração que as magoas lá deixavam;
E já depois que toda se escondeo,
Não vimos mais em fim que mar e ceo.

(CAMÕES — *Os Lusíadas*; canto V.)

Foram-se as naus amarando a todo panno, nem tão dispersas que se não avistassem, nem tão chegadas que abalroassem a uma volta dos ventos descontrados, e, seguia-as, de conserva, uma naveta da carreira do trafico, ao mando de Bartholomeu Dias, que obtivera permissão para chegar, ao longo da costa africana, até S. Jorge da Mina, em commercio, não só pelo muito que fizera descobrindo e transpondo o Cabo como tambem pelo empenho com que se portára na fiscalisação dos serviços quando ainda as naus jaziam na envasadura dos estaleiros.

Receoso o Gama de que, por assalto dos ventos, houvesse algum desvio, entrou em concerto com os capitães para que uns aos outros esperassem á vista das Ilhas

do Cabo Verde, em caso de extravio, e assim ficou ajustado.

Navegavam. Ia a maruja socegada porque as aguas mal embalavam as naus, tão mansas eram e os ventos apenas refrescavam trazendo ainda o aroma das terras que se haviam abrumado na distancia. No céu, alto e fundo, pallida, a lua seguia com toda a sua população de estrellas e a Via Lactea alastrava como uma renda delicada posta sobre o manto da Noite.

O marinheiro, debruçado á borda da grande nau vellejante, ia com os olhos á flor d'agua que as ardentias aljofravam e pensava nos monstros que dormiam no fundo d'aquelle vasto oceano, recordando o que lhe haviam relatado outros antigos marujos acerca das ilhas mysteriosas que ás naves surgiam, com o seu arvoredado sempre verde e em flor, com os seus alcaçares de torres fulgurantes, d'ouro e de prata, com as suas extensissimas praias de areias rútilas, umas só de homens, de valida estatura, fortes no arremesso dos dardos, destros no manejo das fundas com as quaes, despedindo balas, iam buscar as aguias nos espaços ; outras, só de mulheres,

de incomparavel formosura e de accessivel graça que se banhavam em chusmas, nuas, com os cabellos derramados, cantando sobre o dorso verde e molle das ondas ou nos parceis perigosos onde ficavam de pé, attrahindo, com seducções, os que cruzavam os mares.

Ainda se o vento levasse a nau a esses sitios bom seria mas, se viessem repiquetes que a desorientassem atirando-a ás rampas agrestes d'esses reinos fabulosos onde, segundo as lendas que corriam de barco em barco, desde o tempo em que sulcavam os mares as galeras phenicias, viviam homens de medonha presença: acphalos ou com as cabeças encravadas nos peitos, ou os parvini, de quatro olhos raiados de sangue ou os cynocephalos, com cabeças de cães e latindo, rondando as praias verdes de sargaço, á espera dos naufragios que lhes dessem, para repasto, corpos de mareantes.

Não fossem as naus arrancadas á derrota pelos rochedos magneticos deixando n'elles toda a ferragem e desfazendo-se desconjuntadas; não se alevantassem basiliscos escamosos do fundo abysmo colhendo os

lenhos nos seus aneis e estalando-os formidolosamente. Não lampejasse o olhar lethal do catoblepas...

E, tão abalado e impressionado ia o marinheiro que, ao mais leve embate da vaga no costado da nau, estremecia julgando ser a investida do monstro, mas, o alvor tingia o céu, iam esmaecendo as luminarias da altura e faixas de rosa e de ouro embrechavam o azul mas, na linha baixa do horisonte nuvens, em disposições caprichosas, davam uma visão fantastica aos olhos do vigilante que, n'um extase, vendo o mar esteirado de luz e aquelles minaretes de nacar e aquelles zimborios de ouro e aquelles visos de neve acreditavam estar á vista das raias d'essas ilhas paradisiacas como a de S. Brandão, fundada pelo monge irlandez d'esse nome ou á das *Sete cidades* que os tripolantes, mais envelhecidos em toldas, juravam ter entrevisto, mais de uma vez, fugindo diante das prôas que as demandavam ambiciosamente.

Em todos trabalhavam conjuntamente o mêdo e o interesse—se ouviam o marulho sobresaltavam-se mas logo o terror fugia

porque maior era o desejo de alcançarem essas ribas de areias micantes, esses deliciosos lugares de riqueza d'onde o ouro e as pedrarias saíam tão abastosamente como as espigas d'um trigal n'um tempo de messe farta.

Os capitães, com os seus astrolabios, iam fazendo minuciosas observações e o Gama, calado e taciturno, no castello da nau, lançava os olhos pela infinita planicie que os ventos iam encarneirando. Elle tinha o seu roteiro traçado e mais o levava a vontade energica do que os mesmos ventos.

As suas naus alterosas a bem dizer seguiam impellidas pelo seu querer contra o qual nada podiam os sopros impetuosos nem os escarcéos violentos. Ainda que n'elle houvesse grande devoção, tanto que se achegava aos clérigos que iam a bordo ouvindo-lhes as predicas, não só a Deus entregava o seu destino cuidando sensatamente que se não entrasse na empreza com o seu proprio esforço nem tanto faria a Providencia que, por milagre, o levasse favoravelmente ao destino que buscava.

Só, nos momentos de concentração e silencio, pedia o auxilio do Senhor mas,

nos instantes de manobra, fallava ao timoneiro, animava a maruja e conduzia a faina com o seu exemplo mostrando-se em toda a parte, pondo-se bem aos olhos dos seus homens. E assim navegavam sem accidentes por noites de calma e dias de sol, com ventos affeioados sobre bonancoso mar quando, n'um sabbado, o gaigeiro bradou annunciando — terra e logo a maruja, acudindo em tropel á amurada, avistou ao longe as Canarias que, d'antes, nos tempos das primeiras navegações, eram conhecidas pelo nome bemdizente de Afortunadas.

Seguiram, mas o tempo começou a variar soprando, com furia, os ventos e, n'um crepusculo denso, uma nevoa ferruginea encobrio o sol que ainda luzia caindo uma noite extemporanea e abafada.

Via-se pouco e mal em torno e o Gama, luctando com tão pesada cerração, deu ordem para que repicassem o sino e logo um homem foi destacado para o campanario, outros tomaram bozinas e charamellas atroando o silencio porque só assim poderiam dar aviso ás naus que, por acaso, andassem perto evitando que se chocassem.

Rompendo a manhã, dissipado o nevoeiro, debalde os olhos procuravam as naus, nenhuma apparecia. Então, como houvera combinado, ordenou o capitão que se fizessem de rumo para as Ilhas do Cabo-Verde e, pouco depois de alcançarem a ilha do Sal, avistaram os navios que bordejavam e logo, de todos, romperam sons de trombetas e estouros de bombardas.

Dalli por diante, singrando com pequena demora na ilha de S. Thiago para reparo de algumas avarias, seguiram sem desastre de monta a não ser uma das vergas da capitanea que se partio a uma rija lufada do vento sul. Dalli apartou-se Bartholomeu Dias para o seu destino a S. Jorge da Mina e a frota fez-se ao oceano.

N'uma tarde, estando a maruja em repouso, toldou-se um ponto do céu e, como tudo era novo para aquelles homens, correram todos a ver o phenomeno — uma abalada de garças passou em rumo á terra, reunidas como se, com andarem juntas, melhor pudessem resistir aos temporaes daquellas zonas e no mar, porque a natureza

d'esses lugares começava, com vaidade, a dar amostras do que tinha, annunciando-se por um jorro d'agua, uma baleia deslisou boiando e outras muitas, de então por diante, foram vistas seguindo lentamente em direcções diversas.

A *Fortuna*, que ia como passageira a bordo, farta de andar sobre aguas, deixou-se ficar no remanso abrigado de alguma ilha porque o mar banzeiro entrou a rolar, crespo e escuro, espumando como n'um furor perverso; caíram os ventos de monção e outros vieram tão cheios que as velas inchadas estalavam, rangiam as vergas e as naus, n'uma desabalada carreira, com as prôas afundadas e as postilhas ao rez d'agua, fugiam.

Subitamente esfusiava o ponteiro e logo o panno molle trapeava, sustava-se o curso e as embarcações, atropelladas, ficavam jogando com estridor dos mastros como se alli se fossem desfazer. Como ainda se avistassem as naus de quando em quando, ora em altos vagalhões, ora descendo a cavaduras fundas, iam os homens sofrendo aquellas desfeitas dos elementos sem desanimo mas, n'um entardecer abrazado,

mergulhando o sol como uma posta de sangue, nuvens sinistras se foram arru-
mando e todo o mar, liso e quieto, ficou
como um lago remansado; respirava uma
brisa tepida.

Informados pelo judeu Zaguto e conhe-
cedores daquellas insidias dos elementos
o Gama, na sua nau e os capitães nas que
levavam começaram a ordenar a manobra,
pondo-se á capa, fechando as canhoneiras
e as escotilhas e tão depressa andaram os
homens como os ventos.

Uma noite impenetravel encerrou a frota
— só os relampagos alumiam, com ful-
vos clarões, o mar que rugia. Aos em-
bates da vaga assaltante amparava-se a
marinhagem afoita aos mastros ou, agar-
rando-se ás enxarcias, punha o corpo se-
guro para que não fosse, de roldão, pelo
convez molhado. Quando o céu ficava ful-
minado tambem o mar accendia-se e por
segundos vogavam os miseros como n'um
incendio, atordoados com o estrondo dos
trovões.

O marulho' crescia e, em tão apertada
urgencia, nem mais distinguiam o dia da
noite, sendo a escuridão constante. Mal

se podia ter o lume acceso para cozer os alimentos e, quando se punham os marinheiros em torno das bandejas, arranchados, vinha uma vaga roncando e lá lhes levava a ração deixando-os encharcados; nem lhes era dado repouso porque andavam as macas escorrendo e, se algum, exausto, procurava a que lhe convinha com um mergulho da nau ou ao rolar d'um escarcéo lá saltava o infeliz, cuspidos longe, maguando-se nas taboas.

A todo instante os mestres açodados acudiam com vozes, ordenando que achi-cassem e eram homens ás bombas, outros aos gamotes, exgottando a nau que o mar invadia. O Gama não se furtava á acção e apparecia onde maior era o perigo e maior o trabalho.

Para que os seus não ficassem em pusillanime abandono quiz que os clérigos descessem, entendendo que, fallando a Deus em soledade, mais se fariam ouvir, mas, em verdade, assim procedia porque notava que, andando elles entre a maruja attonita não só a distrahiam como ainda a tiravam do serviço porque, na incerteza de salvamento, queriam os homens buscar

a graça para as almas e deixavam de mão o que faziam, acudindo religiosamente ás benções absolvedoras.

Ora uma rajada impetuosa arrancava, como um trapo pôdre, a vela da verga fendida, ora era um batel que se ia ao mar, com a sua palamenta, arrebatado pela agua furente. O breu dos calafetos despegava-se e as naus, com o seu arvoredado secco, corriam doidamente sem rumo, aos rebolos, com o gemer allucinado da gente que se tinha por perdida naquelles mares desconhecidos.

O capitão, fazendo face á tormenta, buscava alentar a companhia que esfriava, mas tudo era baldado porque, a uma sua palavra de esperança, respondia o vento com ululos, respondia o mar com o vagalhão. Fez-se maior o atropello quando os retabulos, com imagens de santos, que iam elevados no castello da popa, vieram abaixo, com as vagas. Encheram-se os homens de um terror sagrado tomando presagamente aquelle facto como um aviso funesto de que a Providencia os abandonara.

Já os lemes sentiam-se governando mal e os tendaes rotos espadanavam juntamente

com as velas rebentadas. Queria um homem fazer-se forte respondendo ao appello do commando mas, de passagem, topava com um companheiro que escabujava enjoado e dolorido pedindo a Patria; outro bramia contra a temeridade de affrontarem aquelles extremos de tanta aspereza e reclamava, com ameaças, que se fizessem de volta; grumetes, que, pela primeira vez se viam em taes tormentos, mal escondiam as lagrimas do mêdo e a esses outros se foram ajuntando e mais e mais, tantos, por fim, e tão ameaçadores que os mestres desesperaram de os conter porque avançavam arrogantes, com armas, vacillando aos boléos da nau, uma das mãos n'um cabo a outra empunhando um ferro com que exigiam o regresso.

Mas veio-lhes á frente o Gama e molhado e ferido, mas sobranceiro e altivo, poz-lhes defronte a vergonha de uma arribada covarde á Patria quando d'ella haviam saído com tão nobre mensagem. Fez-lhes ver a humilhação da entrada quando, ao surgirem no rio patrio, o povo acudisse ás praias pressuroso e soubesse que retrocediam miseraveis porque, partindo com

honra, tornavam sem ella tendo-a deixado nos mares como deixavam as cargas que alijavam e os farrapos das velas que os ventos repartiam.

Afortunadamente foram-se os ventos amainando e, depois de tantos insultos do mar, luzio um sol de bonança e remittiram-se as vagas procellosas. Por maior fortuna parecendo ao Gama que já deviam andar na altura do Cabo poz-se na volta da terra sentindo que, em breve, a teriam á vista poiando todos em terreno firme.

E assim, velejando, na manhã gloriosa de um sabbado de novembro, quatro mezes depois de haverem deixado a Patria, o gageiro, com alvoroço, bradou annunciando terra e os de bordo, com os olhos marejados, avistaram arvoredos.

Correram todas as naus á capitanea e, de alegria, posto que em terra vissem apenas arvores, como se á mesma natureza cega quizessem apparecer garbosos, vestiram-se os officiaes com louçainhas, paramentaram-se os clérigos, os mesmos marujos escolheram o melhor fato e as naus foram adornadas içando-se em todas as driças bandeiras e galhardetes, estourando

festivamente berços e bombardas com que a companhia arrependida procurava, saudando-o, reaver a confiança do seu comandante.

Achando o piloto Pero de Alemquer boa tença alli fizeram ancoradouro dando ao seguro abrigo o nome de Angra de Santa Helena. Como as naus flagelladas necessitavam de fabrico emquanto uns baldeavam lavando-as, e outros, assentados em balsos, iam trabalhando no costado descobido ou, recorrendo á andaina de sobressalente outros substituiam vergas e mastaréus, velas e cabos, arriando a guindola com que, no momento afflicto, se haviam conduzido, o Gama, que buscava um leve repouso e alguém que lhe desse informações sobre o roteiro, mandou reconhecer a angra a ver se algum rio alli descia onde pudessem abastecer os toneis escassos. Foi-se a percorrer o sitio Nicoláo Coelho, n'um batel, com armas, e, quatro leguas acima deparou-se-lhe o que tanto desejavam — aguas limpidas d'um rio que foi chamado de Santiago.

Emquanto uns iam enchendo os depósitos outros faziam lenha atirando-se ás

arvôres d'aquellas selvas virgens onde os mimosos passarinhos, longe de se assustarem, pareciam ter alegria com a inesperada presença dos navegadores porque cantavam prazenteiramente; outros atiravam-se á caça fazendo bôa provisão de lobos marinhos, manjar que lhes soube deliciosamente depois de tantos mezes que passaram nutrindo-se de conservas.

Saira o Gama com outros capitães munidos do astrolabio para, em terra, determinarem a latitude e achavam-se n'um accitoso meandro quando lhes foram dizer que alli perto, por traz d'uma collina, andavam dois negros recolhendo mel n'uma abelheira.

Estavam os negros socegados como quem sabia que d'aquellas praias não lhes viria mal algum e iam pelas moutas vassando o doirado licor das providas abelhas quando os portuguezes, mandados sobre elles, arremetteram, não com tanta astucia e pressa que os colhessem a tempo porque um d'elles, mais pratico nas aspezas d'aquelles caminhos, logo desapareceu assombrado ficando o outro em poder dos assaltantes.

Trazido á presença do Gama sem que mostrasse odio por o haverem aprisionado não foi possível, entretanto, arrancar-lhe um palavra; nem aos interpretes entendia porque, ouvindo-os, não dava mostras de perceber o que diziam. Mas, acudindo ao capitão a idéa de rendel-o pela gula, ordenou a dois grumetes da nau, um d'elles negro, que o levassem a comer e a beber e tanto que isso fizeram logo ao cafeve veio o desejo de communicar e, com uma mimica desabalada, poz-se a exprimir quanto podia sobre a terra e os seus naturaes.

Os marujos que o cercavam riam-se de o verem em tamanha azafama, comendo, emborcando os vinhos e gesticulando. Terminada a refeição, como se lhe doesse deixar as victualhas que restavam, lançava á mesa olhares desejosos mas logo os retirou para os presentes que o Gama lhe offerecia constando de chocalhos e de contas rutilantes de crystal.

Com essas dadivas poz-se em terra o negro satisfeito seguindo, a correr, para a sua aringa de onde, pouco depois, tornava com uma multidão de parceiros, vindo uns

agachados, como tigres, com desconfiança e medo, outros, mais atrevidos, caminhavam firmes, ostentando os seus fimbros aguçados, as suas brutas adargas e as plumas com que se aformoseavam.

A todos mandou o capitão distribuir presentes e foram taes as mostras de alegria que deram e tão significativas as demonstrações de humanidade que os portuguezes acreditaram ter surgido em terra de boa gente.

Fernão Velloso, homem d'armas, de estirpe nobre, muito dado a aventuras e grande bravateador, tanto que os vio reunidos com as suas mulheres que traziam as formas descobertas, com intenção que foi logo adivinhada e maliciosamente commentada, pediu ao capitão licença para acompanhal-os afim de ver a povoação que tinham e a vida que praticavam.

Consentio o Gama e, com os negros, partio o aventureiro formando planos fauceis e na frota ficaram alguns invejosos da sua fortuna porque haviam avistado as mulheres que, não obstante a côr e os traços das feições grosseiras, tinham as seducções proprias do sexo.

Pelo cahir da tarde andava Paulo da Gama com dois bateis, á pesca, e Nicoláo Coelho dava guarda aos que recolhiam lenha ou mariscavam quando ouviram algazarra e babariso e logo avistaram o atrevido Velloso que tão contente partira, sofrego, precipitado, fugindo pela encosta ingreme d'um outeiro.

O Gama, que andava com os olhos em terra, logo ordenou que acudissem ao mar homens armados e um batel largou da nau a remos acurvados mas, como o mancebo era jactancioso em contos e em prosapias, quizeram os companheiros divertir-se á sua custa e demoraram o auxilio para que maior fosse o seu tormento.

Já o vozeiro dos negros atroava e indo Velloso, esfalfado, por o pé no batel que abicava, arremetteram os cafres ás pedradas e atirando os fimbos, pondo em alvoroço os homens que guarneciam o pequeno barco.

Vendo-os o Gama em perigo saíu para defendel-os custando-lhe esse arrojio um ferimento em uma perna e ao mestre da sua nau e a dois marinheiros mais feridas de pouco risco.

Mas nem tão felizes foram os negros perfidos que saíssem da traição incólumes porque ficaram alguns na praia alcançados pela pontaria dos besteiros.

Sentindo-se d'aquelle procedimento e estando já a frota corrigida ordenou o capitão a partida.

Fizeram-se as naus ao mar demandando o Cabo e começou a bordo a afflicção pelo terror que a idéa daquella passagem trazia aos corações. Não se tiravam os olhos do céu que se conservava sereno como se Deus quizesse levantar o animo áquella gente e o mar espelhava o céu, mas a oppressão continuava e, se o gageiro, posto nas gaveas, fazia um movimento, logo a maruja, sobresaltada, corria a cercar o mastro como, num perigo, as timidas ovelhas buscam o seu redil.

Uma onda de mais vulto que rolava era logo apontada como annunciadora de levadas e, se rangia um cabo, se estalava um madeiro logo estremeciam os homens assustados.

Só o Gama, sereno e firme no castello da nau, buscava o horizonte e, na tarde d'um sabbado, estando a olhar com desejo,

vio terras escarpadas, reverdecidas de arvôres e annunciou aos marujos o promontorio tenebroso.

Foi tamanha a alegria enxertada d'uma decepção feliz que, como se quizessem saudar aquella extrema de terra, assopraram, com furia, bozinas e charamellas espalhando uma ruidosa musica nos ares; outros acenavam com pannos, tomavam das driças as roupas que seccavam e, agitando-as, festejavam o socegado linde tão temido.

Quiz o Gama chegar com os navios áquella costa mas, tão contrarios sopravam os ventos que lhe frustraram todas as investidas. Desanimado de pôr o pé n'esse terreno para n'elle deixar um padrão fez-se ao largo seguindo ao longo da costa. Vindgado, com tão inesperada fortuna, o terrivel passo alliviaram-se os corações do grande medo que lhes infundia aquelle rumo. Eram as columnas terriveis que se iam arredando do caminho, desaffrontando-o ás prôas cortadoras.

Nem borrascas nem *monstros* — os vendavaes escondiam-se nas suas cavernas, os escarcéos pareciam domados e os monstros

dormiam nos seus abysmos. Alli estava o sol pacifico e o céu continuava a acurvar-se em abobada sobre as naus. Nem tão grossas arrebetavam as ondas, nem tão impetuosos eram os ventos e a maruja, desopprimida, emquanto as naus corriam, cantava saudando com as suas arias aquelle mysterio que apparecia propicio sem os horrores que lhe haviam emprestado as lendas. E, a todo panno, a frota proseguia empavesada.

AO LONGO DA COSTA

.....

LXVI

D'aqui fomos cortando muitos dias,
Entre tormentas tristes e bonanças,
No largo mar fazendo novas vias,
Só conduzidos de arduas esperanças:
C'o mar um tempo andámos em porfias:
Que como tudo n'elle são mudanças,
Corrente n'elle achamos tão possante,
Que passar não deixava por diante.

(CAMÕES — *Os Lusíadas*; canto V.)

Iá a nau velejando e o gageiro, no seu posto de atalaia, os olhos ao longe, saudoso da terra que deixara e das gentes do seu villar, sonhava. Nascido e creado no monte agreste, entre os pinheiraes e as carvalheiras, habituára-se, desdea infancia, a andar pelas charnecas com o rebanho e o cão, uma taleiga ao flanco, o rijo cajado em punho. Nos tempos brandos da primavera que delicia era o amanhecer na altura, ao fresco e cheiroso ar, sob o azul, junto d'agua cantante e ouvir, nas curtas noites tépidas, de longe em longe, o canto da moça ou a doçaina do pegureiro no seu colmo.

Nas éras de geada e ventos, como era bom ficar agazalhado junto ao fogo crepitante, agarrado ao vélo macio da ovelha, com o cão alerta, rosnando aos lobos que

vinham raspar as portas do redil, uivando famintamente.

O pae finara-se em Africa, levado na frota do infante que enviuvára tanta infeliz e fizera tanto pobresinho orphão; a mãe, encanecida, fiava o seu linho á porta da choupana enquanto elle e o mais novo andavam com o gado e os tios iam chégando terra ás vides ou semeando o pão nas leiras.

Porque andava, retirado do socego, sobre aquellas aguas infestas, no tope d'um mastro que rangia, exposto aos temporaes tremendos? Um do villar, moço de herdade, tendo o irmão nos mares, falláralhe, em certa occasião, enquanto manducavam, das riquezas do mundo, do ouro que n'elle havia e das especies tão procuradas que vinham d'essas mouramas encantadas que genios apaniguavam.

O pobresinho, ouvindo a narração que o outro lhe fazia, enquanto as ovelhas retouçavam e os cabritos, aos saltos, divertiam-se, ficou maravilhado, e, trazendo á pressa o rebanho attonito, pôz o cajado a um canto, despio a barragana, ajoelhou-se, beijando a mão tremula da mãe,

annunciando-lhe o proposito em que estava de sair ao mar. E a velha, com sobresalto e lagrimas, diante de tão inopinado intento, interrogou-o:

— Porque has de ir por esses mundos, filho? Vive na calma do teu paiz e do teu lar, que a Fortuna é arredia se a tentam perseguir. Deixa-te estar na segurança, e, talvez, quando meños esperes, a Fortuna venha bater á tua porta, pedindo um pouco do teu lume e uma codea do teu pão só para ter ensejo de remunerar, com largueza, a tua caridade. O mar é máo e os ventos não têm misericordia.

— Não! é preciso que eu parta. Lá no monte, uma madrugada, eu vi o céu romper-se todo em luz, e, no fundo brilhante, um barinel fugia com as velas côr de rosa soltas. Era o meu barinel, mãe, que se fazia de vela para as terras do Oriente e, em pouco, tornava tão carregado, que mal as velas o podiam arrastar de attestado que vinha o barinel venturoso. Além do ouro e das pedras de brilho, vinham n'elle princezas lindas, de olhos sentimentaes. E' preciso que eu parta... Deus manda! Deus quer, mãe. E partio. Lá se ficaram sós as

ovelhinhas e as charnecas nunca mais ouviram as canções do pastor.

.
No alto céu, d'um azul forte e lucido, aves negras passaram em fila e o gageiro, seguindo aquella abalada, vio longe, n'um fundo nitido, como um dorso de saurio adormecido á tona d'agua, ao sol, uma fita negra, estendida dilatadamente sob a poeira luminosa.

A nau corria apropinquando-se ; o moço levou a mão aos olhos fitou o horizonte e, pondo-se de pé nas gaveas, bradou no silencio do mar vasto : — terra! De toda a nau o mesmo brado surtio e a maruja, precipitada, correu ás bordas e ás enxarcias alongando os olhos anciosos.

De rumo á costa rangeram as amarras nos escouvens descendo as ancoras e a frota deu fundo em porto protegido.

Pondo-se o Gama a par do regimento que das mãos d'El-Rei tomara ordenou que se passasse da caravella dos mantimentos para as naus tudo que n'ella houvesse distribuindo-se, com igualdade, as provisões que vinham de conserva. Findo o serviço, que foi feito com vagar e cuidado,

por entre cantos, a quilha alliviada subio mais alterosa á flor dos mares para acabar em chammas afim de que não a aproveitassem outros que, por acaso, a vissem abandonada.

Com o fumo que se levantou, denso e enrolado, do incendio que foi grande como cabia a vaso de tanto porte e de tão rijo lenho, chegaram á praia, attrahidos, muitos dos naturaes e foram occupando as dunas e os cabeços virentes dos outeiros d'onde olhavam o caso novo com espanto.

Vendo-os, o Gama, que vinha escarmentado do que com outros já lhe havia succedido ao longo d'aquellas praias africanas, quiz que os homens baixassem á terra precavidos e assim communicaram sem receio fazendo trocas com os incolas que pareciam hospitaleiros e trataveis, tanto que se chegavam jocundamente, bailando ao som de estridulos anafis e de atabales.

Tão bem pareceram aos navegantes aquelles homens que, folgando nos seus bandos, se puzeram em alegria com elles; o mesmo Gama, despindo a sua sisuda gravidade, entre elles bailou honrando

os trebelhos dos barbaros, caso que fez espanto á sua gente. Mas, desejando o capitão haver um boi dos muitos que por aquellas hervas engordavam, ordenou a Martim Affonso que se chegasse aos negros propondo-lhes tomar o gado em troca de manilhas, mas os perfidos já imaginavam uma traição, o que, percebendo o Gama astuto, mandou sair á terra gente armada. Vendo luzir o espiculo das lanças abalou a negrada espavorida.

Não querendo o capitão deter-se em contendas inuteis, não só para que d'elle não ficasse fama de cruel que em muito podia prejudical-o como, principalmente, para poupar os poucos homens que levava, chamou ás naus os combatentes despedindo em terra, como por despedida e exemplo do seu poder, dois estrondosos disparos de bombardas.

Aos estouros os negros, com as mãos nos ouvidos e bramando, embrenharam-se no arvoredado esquecendo na praia, abandonadas, as pelles mosqueadas que lhes serviam de resguardo e adorno.

Para assignalarem o sitio erigiram os portuguezes um cruzeiro que bem dizia ser

de mareantes porque era armado com uma mezena e, n'um comoro, puzeram um dos padrões que traziam com as armas reaes e o lemma « Do senhorio de Portugal reino de christãos ». Tanto, porém, que as naus se foram alargando no mar os negros desceram á praia em chusma e, com vozerio selvagem, derribaram o cruzeiro e o padrão tripudiando barbaramente no sitio em que haviam estado os symbolos da religião e da patria dos exploradores.

Depois de haver de novo chegado á terra, pouco adiante da angra que teve o nome de *S. Braz*, indo as naus por mar grosso, assaltou-as tão temerosa tempestade que os homens, desanimados, tiveram por certa a morte, pensando que jamais haviam de avistar lindes de salvamento porque, desde que do rio patrio se haviam amarrado, ventos tão fortes nunca os acossara nem tão volumoso oceano os envolvera.

A agua era tanta a bordo, rolando, com fragor, no bojo fundo, que não lhe davam vasão todas as bombas; rôto o panno, desfeitos varios cabos, ninguem mais se occupava com a manobra entendendo que

era perder esforço em vão serviço; já o desanimo abatia os mais intrepidos quando se foram abonçando as aguas sendo de novo vista a nau de Nicoláo Coelho que se havia desgarrado.

Por sobre mares, de então por diante favoraveis, seguiu a frota escalavrada avisando, de bem longe, os chamados Ilhéos Chãos e pouco além o Ilhéo da Cruz onde deixara Bartholomeu Dias o seu padrão derradeiro. N'esse ponto algum tempo demoraram e, descendo á terra, foram alguns procurando indicios dos que por alli haviam passado e, como na frota seguiam varios homens dos que tinham servido ao dobrador do Cabo, foram esses narrando aos mais as peripecias do primeiro desembarque, apontando lugares em que haviam estado, relatando feitos que haviam commettido.

Eram as terras de magnifica e accitosa perspectiva, recobertas de arvores frondentes, forradas de hervas verdes e macias que se estendiam dilatadamente como mimosos tapetes naturaes e o passaredo vário cantava de mil modos cortando os ares ou nos ramos onde tinha seus ninhos

pendurados. D'alli partindo em a noite immediata achou-se a frota á altura do Rio Infante que foi o ponto extremo da viagem de Bartholomeu Dias.

Navegavam com socego; os officiaes gosando o doce lazer que o mar lhes dava recompunham as memorias da aventura, tal relembrando um facto ou corrigindo-o, qual acautelando uma lembrança que trouxera d'esta ou d'aquella terra em que poiara e a maruja, descansada, cantava, como na Patria, desafiando as saudades perigosas. Iam n'esse descanço quando, demandando novamente a terra, acharam-se, como por encanto, diánte do Ilhéu da Cruz que haviam deixado.

Foi grande o espanto a bordo e, se o capitão não houvesse explicado que as correntes haviam feito desandar a frota ficaria no espirito da maruja uma nova e prejudicial credence. Puzeram novo esforço e, com o favor dos ventos, foram por avante passando a 25 de Dezembro á vista de uma costa que foi chamada do Natal em commemoração da festa que n'aquelle dia era celebrada em toda a christandade. Pouco adiante viram, com magua, os

marujos que um dos mastros da nau do Gama era fendido e, como melhor puderam, repararam-n'o aguardando momento mais propicio para um fabrico cuidadoso; ainda, para maior prejuizo, rebentando um dos calabretes, foi-se ao fundo, perdida, uma das ancoras da capitanea. Entrementes começou a sentir-se a sede a bordo porque os toneis estavam quasi enxutos tanto que a agua foi parcamente distribuida, cabendo a cada homem um escasso quartilho e cozendo-se os alimentos com a que tiravam do mar. Buscaram de novo a terra e tanto que com ella se avistaram viram na praia robustos homens e mulheres de porte válido que os olhavam, com espanto, vir chegando.

Apezar do que lhe vinha acontecendo ao longo do littoral inhospito e selvagem quiz ainda o Gama tratar com os naturaes e mandou Martim Affonso e outro de bordo para com elles entreterem fallas mas não os entendeu o interprete; isso, porém, não descoroçoou o Gama que, conhecedor do povo que alli tinha, soube fazer com que logo se houvesse com bom geito e humana compostura. Assim pensando mandou ao

senhor da região umas calças, uma jaqueta, uma carapuça vermelha e uma manilha de cobre. Com taes ofertas poz-se o regulo em tão agitada alegria que os mesmos marinheiros riram de seus modos e, como para demonstrar a sua gratidão, offereceu aos portuguezes tudo quanto d'elle dependia.

A' noite Martim Affonso e o companheiro seguiram o magnata negro á sua aldeia e alli acharam affavel diversorio sendo-lhes servida uma ceia farta ao abrigo da choupana que era a residencia nobre do rei negro. Emquanto comiam viam elles andar a gente barbara que acudira maravilhada a contemplal-os — os homens nús e nuas as mulheres com uma tanga apenas a compol-os, uns mostrando os seus torsos de basalto e os seus biceps rijissimos, outras com os seios tesos reluzindo, algumas traziam filhos; e exprimiam-se em tal algaravia que nem perceber podiam os da nau o que diziam senão pelos olhares espantados com que os fitavam acompanhando-os.

O magnata não se continha de contente olhando as suas louçainhas e quando os

hospedes, regalados e satisfeitos, despediram-se quiz o regulo honral-os dando-lhes uma escolta que os acompanhasse ao embarque.

O que mais apreciavam os negros d'essa localidade eram os pannos de linho e por elles davam grandes porções de cobre que alli era nativo e abundante porque todos traziam enfeites d'esse metal, não só nos braços e nos tornozelos como nas carapinhas duras.

O Gama, sorprendido com a affabilidade do povo, deu áquella paragem o nome amigo de *Terra da boa gente*, e ao rio onde se provera chamou do *Cobre*. D'alli partiram com grande pena dos naturaes passando ao largo do cabo das Correntes e da costa aurifera de Sofala.

Vendo adiante da prôa a foz d'um rio de margens frondosamente arborescidas foi-se por elle acima o Gama ousado notando que se adensava o bosque e que as margens se alongavam em balseiros mortos. Ia singrando quando avistou, descendo, varias almadias com homens que as governavam alegremente e outros que n'ellas vinham de passagem. Como os da

Terra da boa gente eram trataveis e, tanto que viram as naus puzeram-se a acenar saudando os da companhia e logo, atracando, como se amigos fossem, guindaram-se pelos cabos acudindo jocundamente aos reclamos que lhes faziam. E de todos partiam vozes de amizade que eram correspondidas pelos portuguezes. Alguns dos que chegavam, interpellados por Fernão Martim, em arabe, respondiam como se lhes não fosse desconhecido o idioma, posto que em outro se exprimissem; com isto teve o Gama grande alegria percebendo que assim fallando tinham elles trato com musulmanos e poderiam prestar-lhe informações que servissem ao seu roteiro. Trazendo á nau o que a terra produzia recebiam do Gama outros presentes e, com taes permutas, mais se foram apertando as allianças.

Entre os que vinham foi logo observado um mancebo de sympathica figura e lhano que, conversado, explicou por acenos, ser de longes terras e que já vira barcos como aquelles do mesmo porte e assim mesmo armados.

Essas noticias ouvidas em tal sitio puzeram em alvoroço os corações dos nautas

e o Gama, por esses successos venturosos, chamou ao rio dos *Bons signaes* pondo em terra um padrão dos que trazia o qual, por vir da nau *S. Raphael*, o mesmo nome guardou. Alli ficaram em resguardado porto refazendo o que os ventos estragaram, recompondo o que o mar descompozera.

O Gama, durante as noites, ouvindo o murmulho d'aquellas selvas pujantes que beiravam o rio entre as quaes, pelas horas altas e repousadas, formas monstruosas caminhavam estalando os ramos seccos e atroando o silencio com ululos, sorvendo o perfume das grandes flores que desabrochavam nos ramos que eram viveiros de passaros canoros, lançava os olhos ao céu, crivado de astros palpitantes, como se n'elle quizesse ler augurios.

Os homens do quarto iam e vinham lentamente vigiando e, na prôa, algum insomne, a lembrar-se da Patria que deixara, debruçado sobre o rio claro, suspirava; os mais dormiam, só elle, no castello da popa, solitario, recolhido, pensava n'esse paiz longinquo que os horizontes abafavam ao qual devia chegar com as prôas para sua

gloria e gloria da sua Patria, tornando ao reino com as amostras da conquista e a chave dos mares largos.

Tão contente estava com os indícios que n'aquella extrema achara que entrou a amar a terra e as arvores e aquellas aguas lentas e aquelles marneis extensos.

Mas, com o correr dos dias abrazados, começou a bordo o soffrimento. Aos homens inchavam as gengivas e faziam-se roxas rompendo um sangue fetido d'entre os dentes abalados; iam-se-lhes as boccas inflammando e, queimados de febre, apodrecidos em vida, mal podiam gemer porque os mesmos gemidos lhes doiam e, se lhes passava alimento ou agua pela bocca torciam-se de dores repellindo-os; outros definhavam lividos, tiritando n'um grande frio mortal e acabavam, sem que os cirurgiões pudessem allivial-os, com os clérigos junto á maca fallando-lhes de misericordia, a cruz erguida mostrando o céu que se curvava, azul e calmo, sobre aquellas terras de peste. Quantos alli ficaram ! O mesmo Gama se ia perdendo n'um desastre n'agua e a nau de Paulo da Gama esteve a entregar-se á areia perfida d'um banco de

onde foi arrastada, com o favor da maré, pondo-se a nadó.

D'alli partiram: uns tristes por haver deixado companheiros, outros contentes porque se arredavam de tal sitio. Navegando passaram á vista de tres ilhotas ás quaes não quiz o navegador chegar; adiante outras ilhas lhes surgiram mas, como a noite caía tenebrosa, detiveram-se os navios até a manhã seguinte ordenando o Gama a Nicoláo Coelho que fosse na sua nau, a mais esguia, sondar aquellas aguas té que chegasse á terra.

Foi-se o valente mas não com tanta ventura que logo achasse caminho livre, antepoz-se-lhe á prôa um baixo extenso que o forçou a virar de bordo, tornando ao fundeadouro mas de terra largavam varios pangaaios, com as suas velas de palma expostas a um vento galerno. Isso vendo exultou o Gama que, ao brado de Nicoláo Coelho: «Que vos parece, senhor? Já esta é outra gente.» Demonstrou alegria, ordenando que os navios buscassem fundo mais proximo daquella ilha.

Os que vinham nos pangaaios não só faziam gestos de amizade como tangiam

os seus instrumentos. Abaçanados de côr, fortes de corpo e graciosos traziam abas nos hombros e fotas nas cabeças, por armas usavam adágas e terçados e, nas maneiras mostravam mais cultura do que os seus irmãos do littoral.

Recebendo-os a bordo soube o Gama por elles que se achavam em Moçambique, terras do dominio do rei de Quilôa governadas por um xeque, de nome Ca-coeja. E mais disseram: que alli chegavam mercadores trazendo os preciosos productos da India e ouro de Sofala e levando o que dava a terra fertil. Tambem informaram sobre o reino do Preste João, dizendo que já não distava d'alli grandes jornadas e que, submettidas ao seu poder, muitas cidades mercadoras havia junto ao mar, elle, porém vivia concentrado no coração do reino sendo necessario, para lá chegarem, que montassem camellos pois só esses animaes de força e abstinentes venciam os alcantís e os andurriaes, ao sol vivissimo, sem refresco de sombras.

Foi tamanha a alegria a bordo com essas novas que muitos choraram de prazer, dando sentidas graças a Deus por

os haver posto no caminho que buscavam. E o Gama, ouvindo taes informações, resolveu levar as naus ao porto de Moçambique para ter confirmação de quanto ouvira e buscar um piloto que os guiasse á India. E foi Nicoláo Coelho sondar o porto e posto que se lhe houvesse partido o leme achou fundeadouro. Quando as naus entraram viram sobre ancora quatro fustas de mouros que descarregavam e a gente que as guarnecia deteve-se no serviço, vendo chegar o bando navegante.

Iam e vinham pirogas remadas por homens de busto nú e nas praias, cobertas de immundicies, andavam bandos apresados em algazarra, mercando e frautas concertavam, soavam tambores roucos e, por vezes, no ar, azas fortes batiam e aves de grandeza e larga envergadura iam-se ao céu em vôos arrojados, sumindo-se para lá das arvores, nas montanhas ver-sudas que fechavam a terra.

TRAIÇÕES

.....

LXXXIV

Assi que d'este porto nos partimos
Com maior esperança e mór tristeza,
E pela costa abaixo o mar abrimos,
Buscando algum signal de mais firmeza;
Na dura Moçambique, em fim, surgimos,
De cuja falsidade e má vileza,
Já serás sabedor, e dos enganos
Dos povos de Mombaça pouco humanos.

(CAMÕES, *Os Lusíadas*; canto V.)

Tendo o mouro noticia do surgimento da frota despachou emissarios que foram de visita ao Gama levando-lhe presentes e expondo o desejo do xeque de ir pessoalmente levar-lhe as boas vindas. O Gama, que desejava a amizade do mouro, pretendendo aproveitá-la em seu serviço, não só accedeu ao que pedia como fez um dom de uma marlota, coraes e outros variados engodos enviando-lh'o com expressões de paz e de amizade. O mouro, porém, desdenhando os donativos, pedio-lhe algumas peças de escarlata e, não levando as naus essa fazenda, com tal desculpa verdadeira o Gama respondeu.

Longe de retrahir-se com a resposta fez-se o xeque annunciar. Entrou a nau em aprestos de aformoseamento — poz-se

a maruja em faina lavando o convez, brunindo os metaes, reparando avarias mais visiveis — escachoava a agua dos gamotes, cosiam-se rasgões das velas, calafetavam-se frinchas, breavam-se cabos, substituiam-se roldanas.

Tapetes forraram as taboas salitradas, toldos, de varios matizes, esticaram-se, bandeiras e galhardetes foram subindo ás driças e, para maior ostentação de garbo e força, fez o Gama mudar-se para os demais navios a gente fraca e doentia, escolhendo entre os homens os mais válidos aos quaes distribuio vistosas roupas.

Já rebrilhava a nau garrida quando estrondaram no mar as musicas dos negros. Estavam as aguas coalhadas de pirogas, porque todos queriam contemplar esse espectáculo, e uma frota de almadias vinha suavemente deslizando em direcção á capitanea. O fausto com que vinham enriquecidas era proprio de um principe; a comitiva era grande e bem disposta e de pé, com os seus turbantes afoguçados, trombeteiros sopravam clangorosamente.

Desembarcando o xeque amparou-o o Gama fazendo-o passar por entre duas

alas de homens d'armas que formavam na tolda. Vestia o mouro soberbo uma cabaia de algodão finissimo e, sobre ella, outra de precioso velludo levantino, a fôta, entresachada de fios de ouro, fulgurava, um terçado á cinta cravejado de pedras e nos pés abarcas de velludo e ouro.

Sem dar mostras de espanto, como se tudo quanto visse já lhe fosse commum, seguiu para a mesa na qual fôra servida uma collação profusa e, tanto se regalaram que o xerife d'ella saíu cambaleando, com os olhos amortecidos, a baba em fio pela bocca d'onde escapavam grugrulhos desconnexos.

Alli se entretiveram o Gama e o xeque perguntando o mouro d'onde vinham e, respondendo-lhe o navegador com a verdade, ajuntou que iam de caminho á India. Para engrandecer seu Rei disse que aquellas naus eram parte mesquinha d'uma numerosa frota que largára de Lisboa perdendo-se a maior parte dos navios nas tormentas d'aquelles mares.

Fallaram de mercadorias, dizendo o Gama que o precioso que trazia era nas outras naus. Houve, então, ensejo de

chegarem aos pilotos e logo o xeque comprometteu-se a dal-os retirando-se, em seguida, com as mesmas mostras de amizade ao tempo em que soavam as trombetas e as charamellas, e as frautas e as bozinas dos barbaros respondiam.

Vindo a bordo os dois pilotos logo o Gama lhes deu trinta miticaes e, a cada um a sua marlota, dispondo-se que, se um saisse á terra outro ficasse a bordo que era o meio de haverem sempre um de refem. Noite e dia rondavam as naus pirogas com indigenas que olhavam o movimento da maruja; em terra parecia haver absoluta calma, d'isso mesmo desconfiava o Gama e, para não se comprometter em lucta desigual, quiz logo fazer-se ao mar, ordenando, porém, antes de levarem, que saisse uma partida de homens em dois bateis armados para fazer provisão d'agua. Iam seguindo quando contra elles partiram muitos zambucos com mouros que bramavam despedindo flechas e brandindo machadas e azagaias. Responderam os dos bateis com as suas bombardas e os besteiros fizeram claros na horda dos bandidos. D'alli, tristonhos, se partiram indo

fundear diante de uma ilha que ficou chamada de S. Jorge onde o Gama mandou erigir um altar celebrando um dos clerigos da frota—e muitos homens confessaram-se e commungaram voltando, com mais alivio, ás naus que logo desataram as velas.

La a bordo um dos pilotos mouros porque o outro ficara em terra homiziado e, com esse, navegando ou demorando em abafadas e mortas calmarias, depois de muito andarem, viram os nautas, com surpresa, que se achavam a quatro ou cinco leguas abaixo de Moçambique.

Para esperar os ventos que ajudassem a vencer as rapidas correntes que tanto faziam desandar as naus resolveu o Gama surgir diante da mesma ilha de S. Jorge. Alli, firmados sobre as ancoras, receberam do xeque de Moçambique, como embaixador, um mouro branco que era xerife propondo fazer a alliança e outro mouro, com um filho, guindou-se á nau pedindo que o levassem porque era dos arredores de Meca e chegára a Moçambique como piloto de uma fusta.

Com esses successos os dias se passaram resolvendo o Gama entrar em Moçambique

chegarem aos pilotos e logo o xeque comprometteu-se a dal-os retirando-se, em seguida, com as mesmas mostras de amizade ao tempo em que soavam as trombetas e as charamellas, e as frautas e as bozinas dos barbaros rêspondiam.

Vindo a bordo os dois pilotos logo o Gama lhes deu trinta miticaes e, a cada um a sua marlota, dispondo-se que, se um saisse á terra outro ficasse a bordo que era o meio de haverem sempre um de refem. Noite e dia rondavam as naus pirogas com indigenas que olhavam o movimento da maruja; em terra parecia haver absoluta calma, d'isso mesmo desconfiava o Gama e, para não se comprometter em lucta desigual, quiz logo fazer-se ao mar, ordenando, porém, antes de levarem, que saisse uma partida de homens em doÿs bateis armados para fazer provisão d'agua. Iam seguindo quando contra elles partiram muitos zambucos com mouros que bramavam despedindo flechas e brandindo machadas e azagaias. Responderam os dos bateis com as suas bombardas e os besteiros fizeram claros na horda dos bandidos. D'alli, tristonhos, se partiram indo

fundear diante de uma ilha que ficou chamada de S. Jorge onde o Gama mandou erigir um altar celebrando um dos clerigos da frota—e muitos homens confessaram-se e commungaram voltando, com mais alivio, ás naus que logo desataram as velas.

La a bordo um dos pilotos mouros porque o outro ficara em terra homiziado e, com esse, navegando ou demorando em abafadas e mortas calmarias, depois de muito andarem, viram os nautas, com surpresa, que se achavam a quatro ou cinco leguas abaixo de Moçambique.

Para esperar os ventos que ajudassem a vencer as rapidas correntes que tanto faziam desandar as naus resolveu o Gama surgir diante da mesma ilha de S. Jorge. Alli, firmados sobre as ancoras, receberam do xeque de Moçambique, como embaixador, um mouro branco que era xerife propondo fazer a alliança e outro mouro, com um filho, guindou-se á nau pedindo que o levassem porque era dos arredores de Meca e chegára a Moçambique como piloto de uma fusta.

Com esses successos os dias se passaram resolvendo o Gama entrar em Moçambique

para prover-se d'agua que ia escasseando. Feita a manobra, á meia-noite, estando em silencio e deserto o porto, arriaram-se bates indo n'elles o Gama e Nicoláo Coelho e o piloto mouro, entre gente de guerra.

Em terra andaram perdidos, embrenhando-se nas mattas sem descobrir aguada e, como suspeitavam do piloto que era o mais atordoado posto que houvesse dito conhecer o sitio onde a encontrariam, apertavam a mais e mais a vigilancia.

Na tarde do dia seguinte foram de novo á terra achando o que buscavam sendo, porém, forçados a repellir o indigena que dava mostras de hostilidade como se os quizesse privar do que tanto careciam. Andavam elles n'esse empenho quando um grumete negro que levavam, vendo-se em terra mais sympathica ao seu genio, desviou-se escapando-se.

Ainda tornaram á terra querendo responder, como convinha, as abáfas de um mouro que lhes dissera que na aguada eram esperados como convinha. Lá chegando viram uma palissada forte trançada com chamiça por traz da qual a mourisma se escondia despedindo frechas e pedras que

lhes saiam das fundas com soído agudo ; mas foram taes os destroços que fizeram as béstas e as bombardas que, em pouco, estava a praça livre e os inimigos, de longe, bramiam e ameaçavam.

Voltando a bordo ainda fizeram presa — tomaram uma almadia do xerife que ia abarrotada de pannos e outra onde seguiam quatro negros. Apercebidos para o mar de novo fizeram-se ao largo fundeando diante dos ilhéos de S. Jorge d'onde partiram, tres dias depois, com ventos brandos.

Sucedendo avistarem umas ilhas e havendo o piloto mouro, com perfidia, affirmado que era boa terra, para lá velcaram achando-se em presença de aridos desterrros e tanto se accendeu o capitão mór em furia que, fazendo descer o mentiroso, alli lhe foram as roupas arrancadas e, com calabretes, dois homens açoitaram-o.

Aos seus gritos lancinantes respondiam os da frota com apupos e, para memoria d'esse exemplo, deixou o capitão ao triste paramo o nome de ilha do *Açoutado*.

Recolhido o mouro, a gêmer, com o lombo retalhado, fez-se sorumbatico, negando-se

a responder aos da companhia que o picavam com remoques.

A' vista de duas ilhas cercadas de baixios, onde o mar espumava, arrebetando, foi de novo o mouro interrogado dizendo, então, com desfaçada calma, que já iam longe de Quilôa, terra que era de christãos e farta. Com essa noticia assanhou-se tanto o Gama que esteve para submetter ao supplicio o traiçoeiro e, se os ventos e as correntes não se houvessem tão obstinadamente opposto, teriam as naus retrocedido ao porto mencionado.

Foi resolvido que surgissem diante da ilha de Mombaça que o piloto perversamente affirmava ser em parte habitada de christãos. Levada por elle encaminhou-se a frota a uns baixos, duas leguas distantes da terra firme, por acaso ou por maldade vingativa do piloto. Quiz Deus, porém, que não soffressem maior damno os que andavam com o cruzeiro de Jesus nas velas e o seu nome nos corações. Foi a nau *S. Raphael*, de Paulo da Gama, que se encravou, rangendo, nos baixos perigosos, detendo-se as mais ao longe mas, com o favor da maré e dos ventos que

tufaram as velas despegou-se a quilha safando-se o navio com grande alegria de todos. Aos recifes foi dado o nome de *S. Raphael* e tambem a umas serras que avultavam na costa, muito embrenhadas e altivas. Foi a 7 de Abril que chegaram á vista da ilha de Mombaça onde jazia a cidade do mesmo nome que era uma aljama, sem nada de christã.

Certo de que havia n'aquella terra christandade, para entrar mais garboso, mandou Gama empavezar as naus e a maruja, com alvoroço, acudia ás amuradas, agarrava-se ás enxarcias, marinhando pelos mastros trepava ás vergas para estender a vista olhando a cidade que apparecia com aspecto mais vistoso do que as cabildas nas quaes apenas colmados avultavam, entre palmeiras e arvores de fronde basta.

Alli o casario alvejava ao sol e as mesmas hervas como que recebiam trato, e havia, á maneira de eidos, terrenos defendidos e forrados de relva muito verde sobre a qual cresciam arbustos em flor e arvores de sombra e fructo. Ainda as amarras rangiam descendo á areia as ancoras e já pelas praias, lisas e brancas, onde pequenos

nús patinhavam folgando, surgiam mouros nos seus trajos de linho raiado, com turbantes e adagas nas cinturas, axorcas de ouro nos braços e nos tornozêlos, olhando e formando grupos. E, como os seguiam nos movimentos que operavam, viram os da nau largar da terra uma zabra cheia de homens, todos de muito corpo, com terçados e, alcançando a nau, foram-se a ella querendo todos subir ao mesmo tempo, mas o capitão apenas permittio que entrassem quatro dos principaes ficando os outros a murmurar lançando olhares de despeito aos marinheiros.

O regulo, sabendo que alli chegára a frota, logo se poz em plano astuto de apoderar-se d'ella trucidando ou prendendo os portuguezes e, para ter entrada a bordo, fez chegar ao capitão um regalo de fructas e o seu annel, assegurando que alli teriam tudo quanto lhes fosse necessario desde que se aproximassem do porto.

O Gama respondeu com gentileza que, na manhã seguinte, levaria as naus para mais perto e despachou o embaixador com um ramo de coral, e, em significação de paz e de amizade, mandou com elle dois

dos degradados para que vissem a terra e se n'ella havia christãos.

Desde o porto, com a sua agua banzeira e sordida, sobre a qual boiavam carniças e folhagens pôdres, ao terreno enlameado onde ferviam moscas, foram os degradados olhando a terra que tão formosa lhes parecêra na distancia do mar, ao vivo esplendor do sol, entre a verdura viçosa do arvoredos.

Pelas viellas tortuosas, atravancadas de câes, apertava-se o casario acaçapado, com uma entrada baixa, profunda e sombria, entre grossos muros manchados de humidade tresuante. Mouros iam e vinham, uns quasi nús, miseraveis, descalços, d'uma cor fula, doentia, outros com albornozes listrados, com alparcas nos pés, com armas a luzirem na cinta e todos paravam para os ver passar e ficavam voltados gesticulando e fallando; as mesmas mulheres, com os seus gomis de barro á cabeça, detinham-se curiosas.

N'uma grande praça toda plantada de arvores havia um ajuntamento como de feira e bois immensos, de cornos negros,

deitados na terra fôfa e calcinada ruminavam mansamente. Era, sem duvida, um mercado e atroavam pregões e vozerio e gritos e, de longe em longe, atravez da algaravia, uma voz de animal subia longa, triste e profunda. Creanças rebolcavam-se na herva entanguida, outras, em tremedaes, empastadas de lama, riam e saltavam jocundamente e, para um canto, na sombra, um camello do deserto, deitado, as pernas sob o corpo, os olhos semi-cerrados, remoia um feixe de hervas tenras e um negro, junto d'elle, sentado sobre os calcanhares, batia com uma vareta na corda tensa d'um arco, gemendo uma cantiga.

Em uma das estreitas viellas detiveram-se, com o embaixador, diante d'uma casa atarracada, muito branca, com dois degrãos de pedra á entrada. Introduzidos, atravessando uma angusta passagem lobrega, deram n'uma sala que abria sobre um pateo, com muita luz e muito arôma, onde cantavam passaros e uma cabra, presa, berrava de instante a instante.

Alli dois mouros acobreados tomaram-nos com muita alegria levando-os a um recanto forrado de pannos raros onde

viram um retabulo com o Espirito Santo, varias cruces e rosarios que os da casa veneravam.

Depois de haverem feito sua reza saíram com os mouros á sala onde lhes foi servido um refresco de varias fructas, regalandose todos como n'um ágape emquanto fóra, no pateo, á grande luz, a passarada contente concertava.

Despedindo-se, dalli se foram agradavelmente impressionados ao palacio do xeque que ficava n'um largo desafogado e de grande asseio com muitas palmeiras e moutas em flor. Ao fundo d'um horto de arvores copadas, com uma fonte que cantava n'um bosquesinho recatado, crescia a residencia real.

Subindo os degráos que eram seis, de pedra negra e luzente, foram, por cima de tapetes, á primeira porta onde se achava um negro espadaúdo, de ferocissima presença, com um saio amarello e uma fóta vermelha, firme como uma figura de pedra, com o terçado nú entre os braços cruzados e, como esse, tres outros encontraram guardando outras tantas entradas até que chegaram á sala régia, toda branca,

de muita luz, com o ambiente cheirando a resinas que as caçoulas defumavam.

Sobre almofadas de matizes variegados havia mouros reclinados e mulheres, com as cabeças cheias de moedas, como be-santes, os braços cingidos por armillas e grandes pingentes de cobre nas orelhas, tão molles e entorpecidas, movendo com vagar os braços, que pareciam alli estar pedindo amores.

O xeque, em grande fausto, cercado de uma turma de guerreiros negros, com o xerife ao lado, esperava em fôfos coxins, com a altiva magestade de um principe christão e vendo-os sorriu bondosamente indicando-lhes, com um gesto lento, como se lhe pesassem os anneis que lhe enchiam os dedos, dois assentos macios onde repousassem.

Já alli havia, sobre uma mesa de magnificos entalhes, varias amostras de especiarias e ouro e prata e cêra e alambre e, dizendo o xeque, que de tudo aquillo havia abundancia em Mombaça e que, a preço minimo, daria, fez entrega aos dois homens servindo-lhes, depois, alimentos que rescendiam e fructas de summo doce.

Tornando a bordo ajuntaram-se os marujos apertando os dois homens com perguntas elles, porém, que levavam uma commissão, foram direito ao Gama e, narrando-lhe o que haviam visto, entregaram-lhe as amostras que levavam repetindo as palavras do soberano negro.

Vendo o Gama as especiarias que eram, a bem dizer, a causa da sua saída aos grandes mares, não pode disfarçar o seu contentamento e ouvindo em conselho os capitães, porque os mouros continuavam a demonstrar amizade, resolveu fundear mais proximo do porto.

Saindo á frente a nau *S. Gabriel*, n'uma volta de mar, foi sobre um baixo aderando o que, percebendo os dos mais navios puderam, colhendo as velas com tempo, sustar outros desastres e as ancoras, de novo, unharam a areia.

Mouros, que se achavam dentro da *S. Gabriel*, ouvindo os constantes brados da maruja que corria azafamada e afflicta para salvar o barco, julgaram que lhes haviam descoberto a perfidia e, com tal idéa, precipitaram-se n'agua, fugindo a bom nadar em direcção á terra. Em grande

colera, aos berros, transfigurado de odio mandou o capitão mór que pingassem dois outros que não haviam podido acompanhar os fugitivos e foram os traidores agarrados e, desnudando-se-lhes os ventres com pez fervente foram pingando as gottas sobre as carnes que chiavam; retorcendo-se, aos brados, confessaram a traição e que os pilotos que lhes déra o xeque iam peitados para atirar as naus sobre baixios. Um terceiro ia ainda ser submettido ao supplicio mas, já de mãos atadas, arrojou-se temerariamente ao mar e o piloto que levavam de Moçambique com tamanho azedume do navegador e receoso da sua ira, ao luzir da manhã, achando a gente distrahida, poz-se a nado.

Não era o Gama de coração sensivel e, se continha os seus impulsos violentos, era que tinha em mais conta o exito da empreza do que a vingança mas, em se lhe encrespando a raiva, nada o detinha e castigava e torturava com a crueldade céga do seu odio.

Os mouros, certos de que não ganhariam as naus com a astucia, resolveram perdel-as com a audacia e, á noite, nas suas zabras

ligeiras, remando surdamente, coseram-se com o costado dos navios e uns palmeando, outros subindo ás abotocaduras, preparavam o assalto enquanto outros, á frente, iam, sem ruido, picando as amarras para que as naus, garrando, fossem sobre os baixios e nelles ficassem á mercê do xeque. Descobertos com tempo, e alarmada a companhia, fugiram desabaladamente tor-nando, porém, em a noite seguinte sem, todavia, atracarem por haver maior cuidado e redobrada vigilancia a bordo.

Ainda demorou-se a frota n'esse porto tão saltcado de insidias porque o Gama não perdia a esperança de encontrar piloto que o guiasse ao desejado termo mas, ao fim de dois dias, safaram-se os navios fazendo-se ao mar roleiro onde, entretanto, andavam as vidas mais seguras.

Iam longe de Mombaça quando avistaram um zambuco no qual viajavam varios homens e uma joven mulher que era d'um mouro, o principal do bando. Do que traziam em mantimentos fez presa o capitão mór e interrogando os homens sobre se conheciam o caminho que demandava todos negaram dizendo, entretanto, que, pouco

além, á beira do mar, jazia uma cidade, Melinde de nome, governada por um rei muito humano, onde o Gama poderia achar o que buscava, ajuntando — que n'aquelle porto estavam fundeados tres ou quatro navios de christãos.

Melhor seria ao Gama haver achado em um d'aquelles homens o piloto de que tanto carecia para a navegação n'aquelles mares que jámais haviam sido cavados pelas prôas européas, melhor seria que pudesse fazer rumo directo, porque, tão más eram as impressões que da gente negra lhe ficaram durante o commercio que com ella tivera no seu curso que, de vel-a, já se lhe arreliaava o coração e o animo abrazava-se mas, acima de tudo, estava a sua empreza, e, pensando na India e na gloria de avistal-a, resolutamente governou para Melinde.

MELINDE

.....

II

Com jogos, danças e outras alegrias,
A segundo a policia Melindana,
Com usadas e ledas pescarias,
Com que a Lageia Antonio alegre e engana,
Este famoso Rei todos os dias,
Festeja a companhia Lusitana,
Com banquetes, manjares desusados,
Com fructas, aves, carnes e pescados.

(CAMÕES — *Os Lusíadas*, canto VI.)

Do indeciso lusco-fusco — quasi extinctas as ardentias, com as estrellas morrendo no céu que se arreava de purpura e de ouro, n'um esplendor de victoria, como se pela Altura limpida anjos andassem estendendo brocados para a festa magnifica da Resurreição — rompia a manhã de Pascoa.

As aguas, apenas frisadas por uma brisa fraca, brilhavam tremulas como se fossem recobertas de pequeninas escamas reluzentes e as naus, com bandeiras e flamulas, seguiam a um brando balouço ao tempo em que a maruja, celebrando a memoravel dacta, tão gloriosa para a christandade, accordava o silencio com trombetas e charamellas nas quaes tocava a alvorada excelsa.

Chegavam-se todos ás bordas porque os mouros, aprisionados no zambuco, haviam annuciado Melinde; olhavam longamente, anciosamente quando uma claridade irradiante alastrou pelas aguas envolvendo as naus em um fluido de purpura, tingindo as velas e os cabos d'um louro avermelhado : era o sol que nascia grande e rubro, surgindo d'agua como um deus oceanico que irrompesse, todo em galas tyrias, seguindo sobre ouro e coral e perolas esparsas.

Mas já, ao longe, o arvorêdo apparecia como uma flora marinha que houvesse repentinamente surgido á tona d'agua e brancos muros por entre arvores e outeiros d'um verde alegre e estendidas praias alvas. Mostravam-se, com o andar das naus, mais largas e pittorescas, as terras do novo reino.

Passaros voavam no ar sereno e macio, alguns pousavam nas vergas e ficavam debicando as pennas e, como a agua era transparente, viam-se os peixes nadando em volta das naus, em cardumes de prata. De nau a nau, indo ellas proximas, os marujos exclamavam: « Oh! que belleza! » como se reciprocamente se felicitassem.

O Gama, no seu posto, olhava indifferente a luz sem ver as bellezas d'aquelle remansado porto, d'aguas tão limpas e faceis e de tanta alegria na terra e no céu; o seu pensamento seguia por aquellas areias razas, não que as desejasse mas porque n'ellas suspeitava encontrar o homem que o devia conduzir á extrema do Levante. Talvez em terra, entre o arvorêdo basto, esse desejado amigo estivesse contemplando as naus que deram fundo á meia legua da costa; talvez os olhares se encontrassem e o Gama, descuidoso de tudo que o cercava, com a afflicção de ver esse mysterioso guia, aguçava as pupillas que apenas apanhavam a vasta paizagem d'Africa dourada pelo sol nascente.

Meditava quando o mouro principal dos que vinham no zambuco subio ao castello pedindo para fallar-lhe: recebeu-o cortezmente e, propoz-lhe o prisioneiro, que tivera, em viagem, todas as attenções, ir-se á terra com uma embaixada para o rei de Melinde, garantindo que elle os havia de receber com lhaneza.

Acceitou o Gama mandando immediatamente arriar um batel que levou uma

guarnição d'escolha e, forrando-lhe o pa-neiro lustrosamente, acompanhou á escada o velho mouro que se foi, a largas rema-das, sempre a acenar para os de bordo como a garantir o bom exito da commissão de que se encarregara e, como em a nau ficára a moça, esta fallava-lhe, sem duvida a pedir que fosse breve para resgatal-a porque já se affligia de andar como cap-tiva posto que tivesse trato de princeza, e os mouros agitavam os seus turbantes ou os lenços de cores vivas que traziam até que o barco ficou como um vulto negro no mar.

Mas, ao pino do sol, quando as toldas es-talavam á luz caustica, viramos da nau que uma almada os demandava e, atracando, logo desembarcaram, com gravidade, dois homens, postos com muita riqueza sendo um d'elles magnata da corte melindana e outro o caciz da mesquita e, recebidos com todas as deferencias, com muita galhardia deram conta da embaixada que traziam, principiando por entregarem ao Gama, como prova de alliança, o regio annel que do soberano levavam, assegurando bôa hospedagem em terra com as honras que merecia.

E, como terminassem a falla, dois negros, com marlotas e barretes de seda, á cinta adáguas curvas, subiram com presentes de fructas e, pondo-se de joelhos, offereceram ao Gama, com um gesto tão cortez e tão gracioso que o secco navegador sorrio agradecendo.

Em resposta disse o capitão quem era e porque andava por aquelles mares, entre tormentas, traições, syrtes e marraxos, enaltecendo subidamente o poderio do seu Rei e a grandeza da sua Patria, rica e forte. E, em troca dos presentes que recebêra, outros mandou á terra pelos embaixadores constando de varias peças de vestuario, alambeis e ramos de coral.

No dia seguinte, ao luzir d'alva, largaram os navios de onde estavam para que mais proximos ficassem do porto e alli mandou o rei nova embaixada a bordo, com presentes e instancias para que desembarcassem indo os nautas repousar em terra mas o Gama, advertido pela experiencia que tinha das demonstrações fallazes de amizade que lhe haviam dado os outros regulos, negou-se, desconfiado, dizendo que trazia do seu Rei prohibição expressa

de deixar o seu posto em os navios em outro porto que não aquelle que ia procurando, e, se contrariamente procedesse, falhando á disciplina, abriria um perigoso precedente á gente que commandava.

Resolveu então que, saindo o rei em um dos seus barcos, sairia elle em outro encontrando-se sobre as aguas. No dia ajustado para a entrevista, desde cêdo, começou a gente a mover-se na praia com alvoroço: cavalleiros, com os mantos ao vento, traziam os seus ginetes caracolando; ao fulgor do sol áscuas scintillavam nos ferros das lanças e os muros brancos das casas refulgiam destacando-se vivamente, em largas manchas, entre os pomares cerrados; altas, esguias, com os seus pennachos verdes, perdiam-se ao longe as columnadas das palmeiras.

O Gama, querendo mostrar-se com esplendor, mandou adornar o seu batel forrando-o de estofos; um brocado, com precioso cadilho de ouro, alastrava o paneiro protegido por um toldo de sêda com franjas e, sob o toldo, n'um assento de finos embutidos e marchetes de ouro e coral ia elle, entre os seus officiaes, vestidos com louçania; os

mesmos remeiros ostentavam os seus trajes a primor e tanto era o fausto que os estropos que prendiam os remos aos toletes eram de fina sêda e, por ostentoso luxo, as abas dos forros, rolando das bordas do batel, iam roçando n'agua — e, com a bandeira real desfraldada á pôpa e galhardetes nas driças foi-se o batel affastando com o estridor das trombetas que os de bórdo assopravam alegremente.

Já de terra partira o monarcha melindano n'uma almadia de graciosa fórma e ornada custosamente. Vestia o rei uma ampla cabia de damasco forrada de setim verde e á cabeça trazia a fôta de sêda com torsaes de ouro e arrecadas de perolas que com o fino estofo se embrechavam.

O peito, como se do peso se sentisse, arfava sob um collar ou tosão cravejado de pedras preciosas e, tão longo era que, dando duas voltas folgadas ao pescoço, lhe descia á altura da cinta; os dedos pareciam ser de ouro e de gemmas tantos eram os anneis que por elles se enroscavam.

Reclinado sobre molles e amplos coxins de sêda ficava á sombra d'um flabello carmesí, cuja haste tauxiada um negro

sustentava. De pé, com as brancas barbas soltas destacando-se da tez abaçanada do seu rosto onde os olhos brilhavam, um velho aio, de aspecto venerando, sustentava-lhe o alfange, resguardado n'uma bainha de prata e, á prôa, dois alentados mouros embocando bozinas altas, de marfim, sopravam para o mar forte e sonoramente, outros tocavam anafis e, como guardas reaes, fidalgos apertavam um circulo deslumbrante em torno do soberano.

Alcançando o batel do Gama onde a equipagem mantinha os remos arvorados passou-se para elle o rei e, taes demonstrações alli trocaram os dois que mais pareciam amigos que se reviam depois de longo apartamento que dois homens que se encontravam pela primeira vez.

Como para conservar o nome grato e amigo do Rei de Portugal pedio ao Gama que lh'o dêsse escripto e, depois, ainda instou com elle para que fosse á terra onde teria acceitoso descanso e regalo pittoresco n'aquelles eidos que mandavam, de tão longe, o seu perfume ao mar, na brisa.

Para dar maior prova de amizade ordenou o Gama que fossem soltos os mouros

que havia aprisionado no zambuco e a linda moça, com a ordem, como que se refazendo na liberdade da tristeza em que a trazia a vida que levava a bordo, ainda mais formosa appareceu nas suas vestes fôfas, com o donaire proprio das mulheres da sua raça.

Formada a paz foi-se o rei á sua almadia e os remeiros conduziram-n'o para mais perto das naus. Logo os bombardeiros acudiram com as mechas e os ares atrovavam com os estampidos festivos que enchiam de assombro e medo a gente de Melinde. O rei, emtanto, alegrava-se com aquelle ruido que se ia' repetindo de echo em echo pelo mar e pela terra e, como fallasse ao Gama, gabando as tremendas armas, teve o capitão ensejo de exaltar ainda mais o poderio do seu rei dizendo que eram tantas as' naus que velejavam com as armas reaes que, todas juntas, assoalhariam aquelle mar que por alli fóra se estendia mas, forte e aguerrido como era, o orgulho não cabia no seu generoso peito tanto que não negava o seu auxilio, antes com elle acudia sollicito, aos que, em urgencia de guerra, sendo seus alliados, d'elle careciam.

Despedindo-se com os mesmos signaes com que se haviam encontrado tornou o rei á terra voltando o Gama á nau; mas, diariamente pangaaios procuravam-no com recados e dádivas do rei.

Para não parecer indifferente ou soberbo negando-se ás reiteradas mensagens do mouro que lhe pedia fosse á terra ou mandasse algum dos seus para que recebesse agasalho e regalo nos seus paços, firme no proposito de não arriscar-se, saíu o Gama com Nicoláo Coelho em um batel armado e, lentamente, por um mar chão, foram seguindo ao longo da cidade.

Tão perto ia o batel da praia que, os de bordo, distinguíam as feições dos que por alli andavam, uns a pé, outros em camellos ou a cavallo galopando pela arcia. As casas, altas e brancas, abertas em muitas janellas tinham, para protegel-as contra o sol ardente d'aquellas zonas, copadas arvores sempre verdes e, por entre as finas hervas, n'um fio scintillante, derivava um arroio que, depois de muitas voltas graciosas, por eidos e hortas, despejava-se no mar.

Vastos campos de milho lourejavam e latadas formavam toldos diante das casas

silenciosas ; para o fundo, nos cerros, choças trepavam e, como se alli vivesse um povo de pastores, rebanhos espalhavam-se pelas vertentes illuminadas.

Por todos os lados encontravam os olhos filas de palmeiras com as suas franças juntas como que formando um viaducto de bronze sobre altissimas columnas de granito. Como passasse o batel defronte de um edificio branco, de proporções monumentaes, com um terraço de pedrã lavrada onde uma multidão apinhava-se parecendo de nobres e de gente de guerra, viram os portuguezes negros buzinadores com as suas altas e roucas trombetas de marfim, outros com atabales, outros com sistros e anafis rompendo dos instrumentos tão formidavel concerto que fez abalar uma nuvem de passaros na direcção longinqua das montanhas.

Mas, d'entre as grossas arvores que espalhavam uma sombra larga sobre o saibro da alameda, irromperam cavalleiros com albornozes soltos, acommettendo-se, com sarilho de lanças e vozeiro de guerra. Os ginetes saltavam, caracollavam, nitriam, iam aos recuões com as caudas d'um longo

e fino sedenho varrendo a terra ou avançavam em escaramuça e os seus donos, contendo-os, faziam com que estacassem subitamente, quasi tocando o solo com as ancas, ficando elles firmes nas sellas com as lanças altas e as adargas jogadas ao flanco dos animaes que remordiam os freios espumando.

Foram-se, porém, as alas apartando e estrondosamente, longamente, a fanfarra vibrou; voltaram nos ares, arremessadas, as lanças dos cavalleiros mas tanto que as apanharam na corrida, e tão certos no movimento que nem uma só ficou sem o seu dono, partiram com grita horrivel perdendo-se entre as altas arvores e logo os do batel viram apparecer no terraço o rei melindano.

Não vinha a pé mas n'um andor preciosamente recamado e os negros fortes que o conduziam, sem receio do mar, metteram-se por elle dentro apartando as aguas com os seus largos peitos e, quando já pelos hombros ia-lhes dando o mar, alcançou o soberano o batel onde era grande a admiração dos homens por tão extranho quão formoso espectaculo. Em terra, sem pausa, reboavam

as trombetas. Alli ainda apertou o rei com o navegante para que fosse á cidade dizendo que n'ella jazia seu pai entrevado que muito desejava vel-o, compromettendo-se a deixar, em refem, um dos seus filhos e, se tanto não bastasse, elle mesmo ficaria; o Gama, porém, ficando sobre as razões que antes lhe dera, poude esquivar-se á visita.

Ainda estiveram longo tempo conversando e ouvindo o rumor das festas que em terra celebravam, porque a praia coallhara-se de povo e, de todas as partes, partiam clamores. Despedindo-se foi-se o rei levado pelos negros que andavam nas aguas como se fossem o seu elemento e o batel fez-se vagarosamente ao largo accenando aos de terra e, quando viram os conductores do regio andar ganhar a praia enxuta os bombardeiros fizeram detonar os berços que levavam.

De volta ás naus, passando junto ao ancoradouro das fustas dos indios christãos, correram todos ás amuradas, outros foram trepando pelos cabos e as suas grandes barbas e os seus compridos cabellos esvoaçavam dando-lhes uma original feição que

os portuguezes não podiam ver sem certo riso e, em signal de festa, foram tambem ás suas bombardas, que as tinham em canhoneiras, e despejaram varios tiros que foram correspondidos e, á maneira de saudação, firmando-se alguns nas abotocaduras, agarrados aos cabos, bradavam: *Christe! Christe!*

A' noite, havendo conseguido permissão do rei, os indios fizeram uma grande festa nos seus navios atirando com as bombardas e lançando foguetes tudo acompanhado de grande algazarra que isso, n'elles, era a mais expressiva demonstração de alegria. A noite convidava áquelle divertimento porque, sendo o tempo de lua cheia, todo o mar rebrilhava como um vasto estendal de prata e, em terra, onde ardiam fógos, as casas, muito brancas, appareciam illuminadas; mesmo nos montes afastados como se, até lá, houvesse chegado a alegria, flammejavam fogueiras.

A maruja, com tão maravilhoso espectáculo, poz-se em jocundo alvoroço a bordo bailando e cantando mas, como sempre acontece, onde vai a alegria sempre a tristeza apparece.

Um triste, posto solitariamente no cesto de gavea, discordava daquella alacridade, e, tanto maior era o prazer dos companheiros quanto mais se lhe augmentava a melancolia áquelle doce luar.

Iam-se-lhes os olhos arrasando e o coração batia aforçurado e só, na altura, balançado docemente, o marinheiro cantava baixinho uma canção triste e as lagrimas, uma a uma, pingavam dos seus olhos.

Os indios, ou porque fossem leaes e verdadeiros ou porque, por intrigantes, quizessem indispor os das naus com os melindanos, deram-lhes aviso de que se não deixassem arrastar pelos rogos do mouro, antes perfidos que amigos.

Isso ouvindo, porque já andavam suspeitosos, mais se acautelaram os portuezes posto que não houvesse, até então, motivo para que mal julgassem aquella gente. Mas, com essas vozes e outras atoardas e porque já ia ganhando enfarte com a pressa que tinha de se fazer ao mar no rumo que almejava vendo, n'um domingo, chegar-se á nau uma zabra com um valido do rei o Gama reteve-o prisioneiro mandando recado ao mouro: que

só o entregaria quando elle lhe enviasse os pilotos que promettera.

Tanto que á terra chegou o portador de tão atrevida embaixada poz-se o rei em movimento e, pouco depois, apparecia um christão conhecedor dos mares que as naus deviam affrontar desbravando o caminho mysterioso.

Vendo o Gama o piloto e querendo experimental-o mandou que viesse um astro-labio, o indiano, porém, a quem não era extranho esse instrumento, não só não fez espantô como ainda, calmamente, foi desdobrando uma carta dos mares que deviam percorrer descrevendo, com segurança, todo o golfo extenso e o que n'elle havia té as chamadas terras do Malabar.

Convencido da sua sciencia e contente mas, não querendo partir sem deixar um signal da sua demora naquelle porto feliz e de tanta hospitalidade, obteve o Gama permissão do rei para implantar na terra um padrão que ficou chamado do *Espirito Santo* e, depois de nove dias de constantes festas, já cançado de ver escaramuças e trebelhos, ordenou que tivessem as velas promptas para o vento e ao roxo entardecer,

com lua, foram-se as naus distanciando com os adeuses da terra e com o vozeiro dos indios que das suas fustas amigamente desejavam abonçados mares e propicios ventos. A maruja esteve debruçada até que de todo se perdeu no mar a hospitaleira e aprazivel terra de Melinde, e, já em mar alto, ao luar, os clérigos entoaram a oração da noite, partindo, de todas as naus, no silencio, o mesmo canto religioso.

A INDIA

I

Já se viam chegados junto á terra,
Que desejada já de tantos fora,
Que entre as correntes Indicas se encerra,
E o Ganges, que no seu terreno móra.
Ora sus, gente forte, que na guerra
Quereis levar a palma vencedora,
Já sois chegados, já tendes diante
A terra de riquezas abundante.

(CAMÕES — *Os Lusíadas*; canto VII.)

Alongando-se as naus foi-se, a pouco e pouco, resumindo o movimento a bordo— apenas os homens de quarto caminhavam lentamente, de um para outro lado, detendo-se, por vezes, em extasiado silencio, contemplando a lua. Estrellas cadentes, como se fossem presas por um fio luminoso, voavam e morriam, e, no rolar macio da onda, espalhavam-se micantes ardentias.

O grosso da companhia repousava. Aquella hora, no castello da popa, junto dos retábulos illuminados, dois homens conversavam baixinho como se receiassem que a brisa lhes levasse as palavras e o assumpto de que tratavam, com empenhado interesse, era essa India absconsa.

Um d'elles, que era o piloto indiano, dizia :

— N'este tempo de inverno raros são os navios que se arriscam a fazer a travessia, com os ventos antipathicos que fazem crescer o marouço. Os que se dão ao commercio da especiaria aguardam os mezes do estio e, com as aguas pacificas, com os ventos de monção, facilmente vencem o grande golfo onde não ha um porto a que se arribe em caso de tormenta.

O Gama, que era o interlocutor do indio, não respondeu estendendo a vista perscrutadora pelo céu e pelo mar, demorando-a depois n'um dos retábulos onde a meiga Senhora de Belém sorria com Jesus nos braços. Naquella oração muda o nauta poz toda a sua grande fé e, reconfortado, certo de que, 'contra elle que alli ia protegido pela Rainha dos céus e Clara Estrella dos mares nada poderiam as ondas aborascadas nem os ventos marulheiros, quedou-se emquanto o piloto, consultando os astros, ia traçando o rumo n'aquelle mudo e vastissimo páramo de céus e d'aguas.

E navegavam sem risco demorando-se, ás vezes, em curtas calmarias, ouvindo o embate da vaga e o rangido monotono das vergas, com as velas colhidas mas, ao primeiro sopro, desferravam-nas, e, aproveitando-o, seguiam scindindo aquelle mar virgem que a maruja olhava supersticiosamente e com medo esperando, a todo o instante, uma surpresa fatal.

Foi para a tarde de um dia azul e frio que os ventos desabridos começaram a uivar com furia—o mar, encarneirado, picava-se a mais e mais e uma nuvem, densa e negra, levantando-se no horizonte e enchendo-se foi assoalhando o espaço impellida violentamente pelo vendaval.

A maruja, com o coração minguado, corria á faina manobrando com a pressa queurgia pois o piloto annunciara tormenta. Já o Gama, como que revestindo uma armadura, retomara a sua severidade e os grumetes, lançando olhares tímidos ao alto, balbuciavam rezas procurando as suas nominas debaixo das grossas camisas, junto ao coração.

O céu escurecia como forrado de chumbo e o mar grosso, espumoso, ampollava-se

rugindo. A nau de Paulo da Gama que ia á frente arfava e a proa, espadanando as aguas que se oppunham á sua marcha ligeira, subia e mergulhava; e a de Nicoláo Coelho, abalroada pelos vagalhões, bailava como um batel ligeiro, sobre aquellas fortissimas aguas encrespadas.

Subitamente grossos pingos de chuva bateram no convez como balas, esparrimando-se. Corriam os homens ás aberturas fechando escotilhas e canhoneiras, recolhiam as roupas que arejavam nas driças, cobriam a artilheria com as capas breadas e, os mais devotos, lembrando-se da primeira tormenta que haviam soffrido, cuidavam de segurar fortemente os retabulos para que o mar não os ultrajasse.

Longinquos e profundos trovões rolavam e, de espaço a espaço, o fogo do céu zebraava as nuvens com estrepito, perdendo-se no mar; o vento esfriava esfusiando e a chuva que caio, a principio, com a ameaça de um diluvio, estiou como se as aguas se fossem ajuntando para um assalto decisivo ás naus que iam desabaladamente pelo oceano com a precipitação de perseguidas que fugissem.

Negro, não mais plumbeo, o céu como que abaixava abafando e as nuvens pejudadas passavam tão perto que, a um salto dos navios, o tope dos mastros parecia poder tocal-as.

Se o espectáculo era medonho maior era o panico da maruja que n'elle não via um phenomeno da natureza mas o annuncio de um assombro tragico no qual entrava, como protogonista, o mysterio maligno.

Eram as phalanges infernaes que alli se iam encontrar n'um sinistro e pávido sabbat e, cada uma daquellas vagas orgulhosas, parecia rolar cavalgada por um tritão de horrivel catadura e odio inexoravel; cada uma daquellas nuvens que lá por cima navegavam em breve, desventradas, despejariam legiões satanicas e todo o largo oceano, transformado n'um inferno que os relampagos já começavam a accender, atroava — Não era a voz profunda da vaga e do vento, eram o bramido bravo e os sibillantes guinchos das cohortes abrepticias, era o estrupido das patas dos capros nas aguas, eram as cornadas dos basiliscos nos penedos, eram os estalos

das alas eneas da ave Phenix, eram os uivos sensuaes das sereias e mais o lancinante guaiar das almas penitentes que soffriam, desde tempos immemoriaes, nos abysmos, vindo á tona com as tempestades, acoissadas pelos demos glaucos.

Alguns juravam ter entrevisto egyptans disformes esvoaçando acima dos mastros, outros ficavam com os dedos hirtos apontando o mar porque diziam ter avistado horridas figuras, nadando, com os membrudos corpos hispidos de cerdas, com barbatanas em vez de braços, dentes enormes, recurvados e um olho unico, redondo, enorme no meio da fronte, reluzindo como um fogareu.

Alguns attribuiam ao piloto indio todos aquelles males julgando-o pactuado com o demonio para perdel-os a todos; outros affirmavam que era o proprio demonio que conseguira illudir o capitão mettendo-se a bordo e persignavam-se quando o viam apparecer á luz livida d'um relampago no castello da nau firme, os olhos ao longe; ao mesmo tempo, porém duvidavam d'esses pensamentos vendo-o tão sereno entre os retábulos de Deus e da Virgem.

Apezar do terror o Gama, com o seu imperio, conseguia manter a gente nos seus postos e o piloto governava a nau que se debatia aos encontrões dos escarcéos formidaveis. Já as vozes não eram attendidas, não por desobediencia senão porque ninguem as ouvia e os mestres andavam de grupo em grupo ordenando — aqui para que ferrassem um resto de panno que ia solto batendo d'encontro á verga, alli acudindo a um batel que se desprendera do seu apparelho despejando no mar a palamenta, mais adiante prendendo uma bombarda que se soltára do reparo e, indo e vindo, os homens em serviço estabeleciam a confusão encontrando-se aos barros, escorregando, caindo d'encontro aos mastros.

Sempre firme, inabalavel, affrontando o horror o Gama, no seu posto de commando, ordenava, sem commover-se com aquelle inspirado assalto em tão vasto e desprotegido golfo, tão forte era n'elle a certeza de que havia de alcançar a terra da India a qual, para incitar o ardor nos que a buscavam, encarecia-se oppondo borrascas e baixios como empeços para experimentar

o animo dos que a deviam vencer e dominar.

Justamente como nas balladas do tempo as lindas princezas encantadas que dormiam em selvas absconditas, dentro de paços de crystal e de ouro, com as aias dormindo em torno do seu leito e tambem adormecidos o arvoredos, os passaros, os regatos, apenas vigilante o monstro que a guardava desconforme, com o corpo forrado de escamas de aço, os olhos fulminantes accendidos, as garras promptas, o arpéo da cauda agúdo, os dentes afiados e ainda, para horror maior, respirando um halito putrido e de chamma que lhe saia roncando das fauces encardidas. O seu monstro alli estava — era o oceano.

N'um momento, porém, estalando um raio que illuminou todo o mar os da nau, lançando os olhos em torno e não avistando os outros navios, julgaram-se perdidos. Houve um instante de assombro mudo mas, um assomado, n'aquelle desespero de morte, bradou: «Queremos voltar!» e outro ajuntou, arrancando uma das malaguetas para armar-se: «Para Portugal!»

Manuel Redondo
leu
em Janeiro de 1945

«Para Portugal!» clamaram todos em revolta, mal se podendo ter firmes; ainda assim, aos solavancos, tomando cada qual o que lhe vinha ás mãos, foram avançando para o castello.

O vento rompeu n'uma assuada, o mar cuspia-lhes a sua baba e, para que vissem bem o horror em que estavam, relampagos luziam. Eram, por certo, os demonios que ordenavam aquellas zombarias. «Para Portugal!»

Uma das vergas estalou e fendida ficou pendurada pelos cabos batendo violentamente d'encontro ao mastro; já a agua rolava d'um bordo a outro bordo e fragorosamente os vagalhões batiam no costado da nau.

«Para Portugal! Para Portugal! Queremos voltar! Este é o mar intransmontavel! Este é o mar assombrado... Para o reino com a nau! Para o reino! Ao leme!»

Quizeram os mestres contel-os com brandura mas foram repellidos com violencia e, porque n'elles o terror começava a sufocar a energia, foram na códa d'aquelle bando infeliz de homens encharcados,

feridos, descalços, com os cabellos e as barbas gottejantes, as vestes em retalhos, unidos n'uma solidariedade de desgraça. Iam alli os mestres promptos para se bandear para o vencedor: dizendo-se pacificadores se o capitão conseguisse supplantar os revoltosos ou adherindo á revolta se os homens não se submettessem; e a maruja avançava desequilibrada, rugindo. O Gama, porém, vendo o tumulto e como varios marinheiros mais audazes subiam ao castello de gatinhas, cravando as unhas nos degrãos humidos da escada ou agarrando-se aos maineis, impoz-se sobranceiro e, com um gesto altivo e dominador, repellio-os, fazendo descer aos trancos um que já ia com a mão ensanguentada nos ultimos degrãos, a faca atravessada nos dentes.

Baixando ao convez, pondo-se soberbamente entre elles, com os cabellos empastados, sob a chuva que jorrava impetuosa, á luz intermittente dos relampagos, mostrando aos rebeldes os montes de grilhetas e estendendo o braço, com a cabeça energicamente levantada, enquanto

a borrasca estrondava, apontou o fundo tenebroso do horizonte, bradando:

— O rumo é este!

E, como no bando que se apertava um ainda ousasse dizer, não mais em tom altivo, mas humilde, a pedir: «Queremos voltar...» o Gama passou os olhos severos por todos e, sem dizer palavra, chegando-se a uma das bordas, agarrou as cartas que levava e os astrolabios e atirou-os ao mar que depressa os engulio alijando assim a esperança de uma vergonhosa volta, fechando a porta por onde se queriam escapar covardemente os tímidos, dando um unico remedio áquella desventura — o seguirem por diante.

Vendo a maruja tamanha audacia abrandou-se animando-se — tal é o poder dos fortes sobre os fracos — e os mestres, com aquelle rasgo, ganharam nova energia chamando á obediencia os marinheiros; e tremendo, com os seus breves apertados nas mãos engelhadas de frio, as orações na bocca, foram-se todos, cabisbaixos, ao serviço — uns gemendo com as dores dos esbarros que iam dando, outros com suspiros julgando que nunca mais tornariam

á doce patria. E o piloto indio, o olhar agúdo ao longe, governava.

Já iam exhaustos os marinheiros, e no desespero, pediam a Deus que acabasse de uma vez com aquelle soffrimento porque já não esperavam salvação — posto que outras maiores tormentas houvessem já soffrido — quando um grumete descobrio, no negrume do céu, entre os cerrados nimbus, uma estrellinha palpitando.

Foi tal o alvoroço a bordo que os mestres, ignorando a causa d'aquelle amotinado movimento, como em presença de outra revolta mais bravia, procuraram na cinta os seus cutellos, não porque pensassem em manter a disciplina, mas querendo garantir a propria vida. A maruja, porém, apinhada á prôa, olhava ao longe, acenando á clara estrella e os mais crentes viam n'ella a propria luz de Maria, protectora dos navegantes.

E, com o rugir dos ventos que ainda sopriavam, os da companhia, ajoelhados no convez lutulento, entoaram um cantico de misericordia agradecendo a Deus aquelle signo de bonança que fulgurava no céu.

E as nuvens foram, a pouco e pouco, dissipando-se, rasgões appareciam estrelados e um triste e pallido luar illuminou o oceano revoltado como um pharol celeste que annunciasse o porto venturoso.

A manhã foi de sol posto que ainda grossas vagas rolassem e longe, montando os vagalhões, foram vistas as outras naus rompendo de todos os peitos um grito de victoria.

Os marinheiros, vendo o capitão impassivel e tão sereno na bonança como o fôra na tormenta, sentiram-se humilhados e, querendo mostrar-se arrependidos, redobram de esforço exgottando a nau e acudindo aos concertos e reparos mais urgentes.

Vinte e dois dias depois de haverem deixado o porto de Melinde, flagellados por tamanha borrasca, avistaram no mar, correndo á vela um junco, mas, por mais que andassem com o humido e frio vento annunciador de aguaceiros, não conseguiram alcançal-o.

A' tarde, já com chuva forte, viram uma grande albetoça passando ao largo, muito enfunada, com a sua coberta de palha.

Eram indícios de terra porque barcos d'aquelle porte, por mais ousados que fossem os da tripolação, não affrontariam o mar largo com tempo tão adverso. O piloto ia calado no seu posto e, ainda que com insistencia aguda os marinheiros buscassem ler na sua physionomia nada tiravam da immobibilidade d'aquelle rosto.

Na manhã seguinte, chovendo copiosamente, com trovões ribombantes, acharam-se á vista de umas terras altas que o gageiro annunciou tres vezes com alegria desusada e mais não mostraria pondo os olhos na mesma terra da Patria mas, como a tarde vinha caindo, não quiz o capitão levar a nau por mar incerto, com a noite. Mas já avistavam lorchas, manchuas e jurupangos navegando com aquelles chuveiros que os ventos açoutavam.

No dia seguinte, cêdo, chegando-se á terra, viram bem perto uma montanha e o piloto, que guardara o maior silencio, moveu-se no castello da nau pondo-se junto ao Gama e os dois ficaram d'olhos fitos naquellas altitudes tão viçosamente arborisadas vendo apparecer, pouco a pouco,

do seio verde do mar, uma grande cidade toda cercada de palmeiras, com um alvo casario alegre espalhado pela praia e pelos montes. Vinha a todo o vento uma champã e, como passasse junto da nau o piloto entendeu-se com um dos homens fazendo-lhe uma pergunta e o do barco respondeu affirmativamente. Estavam diante de Calecut: era a India.

Quando a maruja teve a feliz noticia promprou em festivos clamores saudando o capitão temerario; e a nau empavezou-se vistosamente, resoaram os instrumentos e, de todas as naus que se vinham chegando à capitanea, desmantelladas, com os costados mostrando as feridas ganhas na tormenta, partia o mesmo brado triumphal: —«E' a India! E' a India!»

Aves passavam nos ares e fugiam aturdidas com os estrondos das bombardas e, como andassem lantéas de pesca cruzando junto dos vasos, os de bordo saudavam festivamente os pescadores fallando-lhes como se os indios espantados pudessem perceber o que diziam.

Mas, atravez da celeuma, soaram lentas badaladas; os clérigos appareceram

revestidos dos seus habitos, com a imagem do Christo e o Gama, que até então parecera esquecido do seu Deus, chegou-se á tolda e, ajoelhando-se, sem a espada e descoberto, entre os seus homens ajoelhados e cabisbaixos, de mãos postas, constricto rezou com elles acompanhando as orações que os clerigos entoavam á medida que, na prôa, outros marujos, com um canto guaiado, iam despreendendo a ancora; de repente houve um rangido secco de amarras que corriam nos escouvens salitrados e um choque n'agua — a ancora mergulhara. Estavam fundeados diante da terra da especiaria. Era o dia 20 de maio de 1498.

O Gama, então, sem levantar os olhos para os homens que o cercavam, subio ao castello e ficou-se a contemplar o mar, o grande mar mysterioso que elle havia vencido e o piloto, que alli estava, vendo duas lagrimas rolaem pelas barbas do navegante e como se estranhasse essa fraqueza n'aquelle homem formidavel que não tremêra nos momentos mais arriscados, ficou a contemplal-o mudo e com assombro.

O Gama, porém, voltou-se e tremulo, n'uma viva emoção, mandou arvorar a bandeira real como para annunciar-se aos da terra e elle mesmo, veneradamente, foi, de uma em uma, accendendo as lampadas que illuminavam os retábulos.

O porto estava vasio, barcos miudos apenas por elle andavam com as suas velas de palma e, sob a chuva que caía miuda, pondo uma téla diante da vista, Calcut foi desapparecendo como um sonho que se houvesse esvaecido. Veio á noite, porém, clara, de luar, e a India alli se mostrou formosa, adormecida nos mares, dominada pelas naus como a princeza da ballada que, depois de quebrado o encanto que a guardava, apparecia linda e solitaria, á espera do beijo que a devia despertar para o amor. E o Gama, no castello da nau que se balouçava, com a face na mão, contemplava aquella maravilha emquanto a maruja, grata ao Senhor, entoava contente a oração da noite.

De quando em quando, no silencio das horas mortas, as vigias de uma nau bradavam para as da outra:—A India! e o Gama, que velava pensativo, com o espirito

longe, na Patria bem querida, estremecia, ouvindo aquelles brados e baixinho, como um echo longinquo, repetia suspirando : — A India !... com a alma a fugir-lhe para aquella terra branca e verde que era o sonho dos Reis.



VENIA

Escrevendo esta narrativa, em tempo sobremodo escasso, ative-me mais estreitamente ao *Roteiro* indo por elle posto que os olhos fossem na epopéa — um foi, a bem dizer, o caminho da minha aventura e foi o poeta a minha estrella polar.

Em certos episodios, talvez, melhor andasse se quizesse seguir as indicações de Gaspar Corrêa, no geral eivadas de imaginação mas, subordinei-me ao ingenuo marujo que traçou, em singela linguagem, as peripecias da temeraria travessia.

Em Melinde, no ponto relativo á tomada do piloto, parece-me violento o proceder do Gama visto como, havendo o régulo sempre demonstrado bons desejos, justo seria que o navegador com elle usasse de mais cordura ou, digamos: de mais

diplomacia, buscando razões mais brandas para haver o homem necessário ao seu discurso.

Posto que todos affirmem que a travessia do mar Indico foi afortunada e com ventos felizes dei a tormenta (e ainda tenho por mim o poeta) para maior realce da bravura temeraria do Gama no momento em que, para conter a revolta, arroja resolutamente ao mar as cartas e os instrumentos.

De resto parece-me que, se a navegação houvesse sempre sido bonançosa, não haveria tão impetuoso levante a bordo simplesmente por não ver a maruja as extremas de alguma terra em mares tão dilatados.

Emfim, se ha fantasia, tenho a minha resalva demais, ella repousa sobre a absoluta verdade — a flor surgio da terra. O proprio mar tem a sua Morgana.

INDICE

	PAGS.
A Partida	7
Montando o Cabo.....	31
Ao Longo da Costa.....	57
Traições.....	79
Melinde	101
India.....	123
Venia	145

